This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

UC-NRLF
$B 150 815

LIBRARY
OF THE
UNIVERSITY
OF
CALIFORNIA

ESTUDOS CRITICOS

SOBRE A

LITTERATURA DO BRAZIL

POR

JOSÉ ANTONIO DE FREITAS

SUBDITO BRAZILEIRO

Habilitado com o curso theorico de arthilheria pela Escóla Polytechnica de Lisboa
e com o Curso Superior de Lettras

I

O LYRISMO BRAZILEIRO

LISBOA

TYPOGRAPHIA DAS HORAS ROMANTICAS

Rua da Atalaya, 40 a 52

1877

A propriedade d'esta obra no Imperio do Brazil pertence ao sr. Antonio Pedro Lobão dos Santos, do Rio de Janeiro.

PQ 9561
F7

A MINHA MÃE

AO LEITOR

Depois de havermos concluido um curso de mathematicas puras e sciencias naturaes na Escóla Polytechnica de Lisboa, fomos levado por circumstancias imprevistas, completamente alheias á nossa vontade, a matricular-nos no Curso Superior de Lettras.

E por isso que praticamente conhecemos que o methodo das sciencias naturaes se continúa na historia pela lei da evolução, nas litteraturas pela comparação das fórmas e suas origens ethnicas, e na philosophia pela synthese deduzida dos factos scientificos, não repugna ao nosso espirito, antes se casa perfeitamente com elle, o estudo da historia geral, das litteraturas e da philosophia.

O trabalho que, certo da benevolencia do publico, ousamos submetter á sua appreciação, não é mais do que uma applicação dos methodos das sciencias naturaes á litteratura.

M682350

Lançámos mão de um problema secundario, de uma fórma da litteratura brazileira, e pelo estudo das origens, que a produziram, propomo-nos reconstruir o genio do povo do Brazil, suas tendencias historicas e a base critica para a disciplina de seus talentos.

O sabio dr. F. Wolf, membro e secretario da Academia Imperial das Sciencias de Vienna, escreve as seguintes palavras no prologo da sua *Historia da litteratura brazileira,* traduzida em francez pelo dr. van Muyden:

«L'empire du Brésil a vu ces dernières années son influence s'augmenter à tel point, qu'il a attiré sur lui l'attention de l'Europe.

«Naturalistes, ethnographes, historiens, hommes d'Etat, l'ont pris pour but de leurs études, dont un nombre considérable d'ouvrages importants ont été les fruits.

«Sous un seul rapport le Brésil a resté jusqu'ici une terre inconnue aux Européens: sa littérature indigène et nationale est demeurée dans l'obscurité. C'est à peine si l'existence en a été révélée par quelques ouvrages sur la littérature portugaise, dont elle ne forme que l'appendice exigu.

«Et pourtant la littérature brésilienne a fait de tels progrès, surtout depuis une trentaine d'années, qu'on ne peut lui refuser plus longtemps la place, qui lui revient dans l'histoire des littératures nationales.»

De feito, ha muitos annos que se manifesta no Brazil uma vida litteraria verdadeiramente notavel. Enxameiam os poetas de elevado merecimento; succedem-se as publicações com grande applauso e contentamento do povo, de modo que não só existem escriptores distinctos e eminentes, como os Gonçalves Dias, os Porto Alegre, os Magalhães e os Alen-

car, mas tambem existe um publico, que os anima, protege e auxilia.

Por outras fórmas se traduz ainda a marcha do povo brazileiro na estrada da civilisação.

As mais importantes reformas politicas e sociaes trazem preoccupado o espirito dos homens publicos. Á intelligencia de abalisados jurisconsultos acha-se commettido o importante problema da administração da justiça; e o crescido numero de escolas, que todos os dias se estão creando, mostram com quanta dedicação e sollicitude se cuida em todo o imperio de instruir e doctrinar as multidões.

É que os homens importantes do Brazil, em quem anda a governação do estado, sabem que a instrucção do povo é para a grandeza e prosperidade do paiz, o que foi o invento da bussola para a navegação, a analyse espectral para a chimica moderna, as leis da gravitação para a mechanica celeste.

Se examinarmos a arte como expressão d'esta vida social, encontraremos Pedro Americo e Victor Meyrelles reproduzindo na tela os feitos heroicos dos bravos de Riachuelo e de Avahy; Almeida Reis, com o cinzel inspirado convertendo o marmore em estatuas resplandecentes de belleza e formosura; Carlos Gomes, inscrevendo o seu nome na lista em que se arrolam os Halévy, os Meyerbeer e os Rossini, descobrindo a harmonia no fundo de todo o movimento, arrebatando as platéas da Scala, de Covent Garden e de todos os theatros europeus com os cantos apaixonados e com as inspiradas modulações do Guarany.

Aquella abençoada região da America, cortada em meandros caprichosos por um ingente colosso — o Amazonas, reflectindo no seu espelho de prata a luz mystica das estrellas, que povoam o céu dos tropicos, orlando as margens sinuosas com o

verde-escuro de arvores giganteas, que se vão ás nuvens e abrigam na espessura das folhas passaros aos milhares, que pleiteiam entre si o iris da plumagem deslumbrante e a melodia dos trillos e gorgeios; aquelle riquissimo imperio, onde os mercados da Europa vão buscar o algodão para o fabrico de suas vestes, as madeiras mais solidas e duradouras para a construcção de edificios grandiosos, o assucar e o café para satisfação da mais urgente necessidade da vida; aquelle paiz encantador, de que nunca se disse tanto que não ficasse merecendo muito mais, sobre o qual a natureza, com prodiga mão, derramou a cornucopia de suas graças, comprehende que lhe não bastam os encantos da sua vegetação, a feracidade do seu solo, os seus jazigos de diamantes e as areias auriferas de seus rios. Sabe que lhe cumpre trabalhar, subjugando as forças naturaes para a realisação do seu progresso material,

rasgando horizontes mais vastos ao espirito e á rasão, como unico meio de attingir o seu desenvolvimento moral.

Pois bem. Se a civilisação brazileira se affirma tão vigorosamente em todos os ramos do progresso humano; se, como filho do Brazil, sentimos em nosso espirito um concerto de suavissimas harmonias, ao lermos nas poesias americanas as palavras, que ouviamos quando creança, que deram expressão e fórma aos ternos sentimentos e ás vagas aspirações de nossos primeiros annos; se, apezar do decurso do tempo, nunca poderam apagar-se da nossa alma as suaves e gratas recordações da terra, que nos foi berço; se o amor de uma terna e carinhosa mãe, que vive além do Atlantico, nunca deixou de suavisar-nos os dias como balsamo consolador ás nossas lagrimas e tristezas; não é logo de estranhar que para objecto do nosso pri-

meiro estudo sobre critica litteraria escolhessemos um ponto da litteratura do Brazil.

Fôra rematada loucura julgarmos o nosso trabalho limpo de erros e de imperfeições. Sabemos que é pobre, que é uma tentativa incompleta, cujo valor (se é que o tem) só poderá ser effectivo, como acontece nas theorias das sciencias, quando for verificado nas applicações.

Mas pobre, como é, se n'este pequeno estudo, houver alguma idéa, que posta ao serviço dos criticos brazileiros possa tornar-se util e proveitosa para a nossa patria, teremos conseguido a realisação dos nossos mais vivos desejos, da nossa mais ardente ambição.

Lisboa, julho de 1877.

José Antonio de Freitas.

CARTA DO EXCELLENTISSIMO SENHOR

BARÃO DE SANTO ANGELO

CONSUL GERAL DO BRAZIL, EM LISBOA

Meu querido patricio

Que hei de eu dizer-lhe em materia tão seria como a do seu livro? Direi:

Quem principia a seu modo, quer revelar-se, e quem se revela uma vez com animo sancto, e pela fórma, por que o faz o meu amigo, não deve esmorecer.

Publique o seu primeiro ensaio litterario sobre o Brazil, porque é um bom estudo, uma nobre tentativa, uma especie de medalha, cunhada pelo coração; e estas moedas do proprio valor intellectual, gravadas pelo amor da Patria, tem um curso, que augmenta de preço, e serve de diploma mais tarde, e bastante no Brazil, onde um genio benefico abriu suas azas beneficentes e vivificadoras. Revele-se pelo trabalho.

Nenhum brazileiro deve hoje desanimar, porque vive e respira debaixo do manto augusto e esplendoroso de seu soberano, considerado no mundo co-

mo o Principe mais sabio e glorioso das nações civilisadas.

Basta vel-o e fallar-lhe para amal-o!

O Senhor D. Pedro II já pertence á historia e admiração do mundo civilisado, e o respeito singular de todos os homens intelligentes, que o viram e ouviram, significa tudo o que é immensuravel para os espiritos vulgares ou miopes.

Escreva, meu amigo, e seja americano em tudo, porque a alma americana é um novo sol, cuja irradiação se espalhará como a do luminar do dia.

Prosiga, que ha terreno, já que está na feliz edade de caminhar. A luz, que é o reflexo da verdade, o espelho da divina intelligencia, é a excellencia, que anima e engrandece todos os espiritos eleitos para fecundar o Brazil, esse novo Imperio, predestinado para no futuro ser uma grande maravilha.

Creia na fé de um velho, que ali nasceu, e viu

aquella terra desde os tempos coloniaes até os do Reino Unido, e d'estes o que se passou da Independencia á Abdicação, e finalmente d'esta á Maioridade, que tem sido o principio fecundo do presente, já tão considerado no mundo actual.

Dos tempos embryonarios da colonia e do mercenarismo geral, e do bastão de ferro dos vice-reis, até o do sceptro benigno d'El-Rei, a musa brazileira soltou raros gemidos, abafados pelos hymnos ferventes, que do pulpito subiram á Divindade, e partiram de Monsenhor Netto, do padre Caldas, de São Carlos, Sampaio e Monte Alverne. Á roda do throno, as musas concertaram-se nos Genethliacos, nos sonetos, nas odes, nos elogios dramaticos, e depois d'isto, na menoridade e maioridade, meteorisou-se em alguns dramas, até que Magalhães, Penna e Macedo se irradiaram e alvoreceram no horizonte harmonico das musas.

Hoje ha um espaço balisado desde a Assumpção de São Carlos, o Nictheroy de Januario e algumas obras de menor vulto, até os Tamoyos de Magalhães, a Nebulosa de Macedo, os Tymbiras de Gonçalves Dias, e algumas outras producções de Norberto e seus contemporaneos.

O terreno tem-se fecundado e a safra crescido brilhantemente pela inspiração da mocidade, que vive.

Não me devo alongar mais, e terminarei pedindo-lhe este ponto: que creia na fé do seu velho amigo

Lisboa 2 de agosto de 1877.

Porto-Alegre

Barão de Santo Angelo

O LYRISMO BRAZILEIRO

Um distincto escriptor portuguez, traçando com mão de mestre a biographia do visconde de Castilho, seu confrade em lettras, escreveu:

«Para os antigos a poesia é um Deus, que vibra no intimo d'alma as cordas do estro juvenil. *Est Deus in nobis, agitante calescimus illo.*

«Para os modernos é uma lucta, em que o espirito, rompendo as cadeias da humanidade, esvoaça para o infinito[1]».

[1] *J. M. Latino Coelho,* biographia de Antonio Feliciano de Castilho, Revista Contemporanea de Portugal e Brazil, vol. 1.º

De feito, a poesia não é um producto vão e pueril do artificio do metrificador; não é uma simples combinação engenhosa de palavras obedecendo a regras e preceitos determinados.

É mais do que isso.

É o grito da alma; é a linguagem viva e apaixonada dos que sentem no peito as aspirações da sua raça, que derramam nas suas lagrimas o pranto de seus contemporaneos, que agitam no seu cerebro o pensamento da sua epocha. Homero é a guerra heroica; Dante é a dor e a esperança da edade media; Camões é a alliança do Occidente e do Oriente.

A poesia portanto, ou melhor, a Litteratura de um povo é o orgão, porque esse povo se revela; é o espelho, que reflecte a sua alma; é a expressão da sua vitalidade nacional.

Por ella se fixam e se exercem as fórmas da linguagem; por ella se propagam os sentimentos, que causaram o typo da individualidade moral, e aquelle santo amor pela independencia do territorio; por ella se geram os corações esforçados e generosos, que convertiam em semi-deuses os republicos da classica antiguidade.

Debaixo d'este aspecto, as creações litterarias, ainda quando inspiradas pelos interesses mesquinhos da personalidade, são um documento precioso, de que pode-

mos deduzir o passado de um povo, isto é, os elementos, de que elle se serviu para attingir o completo organismo de nação.

Na accepção rigorosa da palavra, só existe litteratura brazileira depois de se haver consummado o facto nacional. Porém a tendencia para fundar esse grande facto, não por meio de concessões politicas, mas por uma evolução organica, manifesta-se na antiga poesia do Brazil, e d'aqui resulta a sua sublimidade, a verdade da sua inspiração e a grande superioridade, que teve, sobre as pallidas imitações horacianas tão usadas na metropole portugueza.

Propondo-nos estudar qual seja a indole do lyrismo brazileiro, não faremos conta da aspiração nacional realisada pelo conflicto dos acontecimentos politicos do primeiro quartel do seculo XIX; mas, procurando uma causa mais remota, iremos investigar se na constituição ethnica do colono portuguez existia o germen, o pollen fecundante de todas as litteraturas — a tradição.

Uma vez determinado o veio tradicional, teremos achado a explicação natural e scientifica do motivo por que o Brazil exerceu influencia na litteratura da metropole; teremos descoberto a norma critica para julgar e appreciar a marcha da Litteratura brazileira na maior ou menor consciencia do seu destino.

Como formula da verdade, que pretendemos comprovar e desenvolver, transcreveremos aqui as seguintes palavras do nosso distincto professor e amigo, o sr. dr. Theophilo Braga, no seu *Manual da Historia da Litteratura portugueza:*

«O lyrismo brazileiro apresenta na Arcadia ultramarina uma feição *tradicional;* as velhas *Serranilhas* portuguezas, que ainda no meiado do seculo XVI impressionavam Camões, conservaram-se no Brazil, e quando no seculo XVIII alguns dos seus poetas visitaram o reino, ou cá fixaram a sua residencia, essas *Serranilhas* receberam um novo vigor com o titulo de *Modinhas.* As *Lyras* de Gonzaga, a *Viola de Lereno* de Caldas Barbosa, muitas *Arias* de Antonio José da Silva, têm essa origem e esse alto merecimento; chegaram a influir na poesia portugueza.[1]»

Para a demonstração e desenvolvimento d'esta proposição havemos mister de remontar-nos á epocha da colonisação, e de luctar com a grande escassez e pobreza de documentos. A difficuldade, porém, é até certo ponto compensada, porque atravez d'este novo prisma os factos recebem uma luz tambem nova e suggerem as mais claras deducções.

[1] *Theophilo Braga,* Manual da Historia da Litteratura portugueza, cap. XX, pag. 442. Porto, 1875.

A America meridional é o theatro, em que duas nações civilisadas da Europa fixaram o seu poder, implantaram as suas instituições, introduziram a sua indole e os seus costumes. E, se no continente europeu não estivessem estabelecidas as idiosincrasias nacionaes, se não estivessem perfeitamente determinadas as raias de separação entre o genio hespanhol e o portuguez, seria bastante observar o methodo seguido pelos dois povos na colonisação da America para accentuar profundamente as feições mais caracteristicas e proeminentes de cada um.

Assim como na chimica se reconhece que a acção dos acidos, das bases e dos saes sobre outros saes verifica-se segundo leis dependentes das propriedades dos corpos, que se acham em contacto, assim tambem é principio assentado na sciencia ethnographica que o encontro de um povo culto com raças, que lhe são inferiores, ou que possuem uma civilisação differente, opera-se de diversos modos segundo o caracter d'essas raças.

Por isso o anglo-saxão, onde apparece, vae umas vezes apagando os costumes, alterando as instituições, extinguindo lentamente deante de si os povos inferiores, como succede com os indigenas da America do Norte, do Cabo da Boa Esperança e da Australia; ou-

tras vezes, pelo contrario, em frente de uma raça forte como a hindu, determina uma reacção violenta, faz reviver em subido gráu o antigo genio nacional.

Em presença d'estas duas fórmas de acção é que havemos de julgar o papel de colonisadores, representado por hespanhões e portuguezes no grande palco do continente Sul-Americano.

A Hespanha invade duas raças dotadas de uma alta civilisação—os Mexicanos e os Peruanos.

Portugal encontra deante de si tribus selvagens, ainda na edade de pedra, vivendo na floresta virgem, incapazes de passarem do seu fetichismo rudimentar á concepção monotheista prégada pelos missionarios jesuitas.

Possuia a civilisação mexicana uma theologia completa com a mais elevada noção espiritualista. O seu polytheismo tinha já atravessado uma phase historica bastante longa para que as crenças religiosas se tornassem lendas historicas e se convertessem na famosa epopea do *Popol-Vuh*.

Os estudos feitos sobre o modo, porque o espirito se desenvolve, demonstram que em todos os povos a creação poetica primitiva é sempre theogonica; mas, á medida que a religião se aparta da poesia, toma outro caracter, servindo, para representar os heroes, os mesmos nomes, que tinham servido para designar os deuses.

A vida burgueza dos Mexicanos estava tambem já n'um gráu de desenvolvimento sufficiente para que se creasse o theatro desprendido das fórmas liturgicas, e para que a influencia dos *Mitotes* se fizesse sentir na comedia hespanhola denominada Mogiganga *(mexicana)*.

Este facto é da mais alta importancia para demonstrar a robustez da civilisação mexicana, porque a forma dramatica será tanto mais rica quanto maior for o vigor da raça.

Nas modernas litteraturas, os theatros inglez e hespanhol, sem duvida os mais ricos, coincidem com duas raças vigorosas: a saxonia e hispano-romana.

A Grecia, que tinha uma raça mais perfeita, enumera com orgulho entre as dynastias de seus grandes genios os nomes de Eschylo, Sophocles, Euripedes e Aristophanes, ao passo que Roma, dedicada á idéa juridica, copía o theatro grego.

Por ultimo, a arte mexicana, apezar de conservar ainda tradicionalmente o uso dos instrumentos de pedra, restos da edade neo-lithica, affirmava a sua existencia vigorosa pela manifestação de uma architectura original.

Do que levamos dito é facil concluir que os Mexicanos eram uma raça forte, robusta, possuidora de uma elevada civilisação. Os hespanhoes, porém, reputavam

os indigenas do novo mundo entes inferiores á especie humana, e nas universidades europeas sustentavam que os habitantes da America não eram verdadeiros homens, mas verdadeiros ourang-outangos.

Praticavam crimes e atrocidades que a penna se recusa a descrever [1], suffocando e destruindo a cultura e desenvolvimento d'aquelle povo. Mas a impetuosidade

[1] Em uma memoria apresentada ao Instituto Historico Geographico Brazileiro com o titulo de *Brazil e Oceania* escreve o mavioso poeta Gonçalves Dias, a pag. 213, o seguinte: «E não só os seculares, como os religiosos, homens tão respeitaveis pela sua erudição no tempo, como pelo elevado da posição social em que se achavam, ou por um logar eminente na hierarchia ecclesiastica, empregavam todos os recursos da eloquencia, todas as armas da dialectica para defender uma these, que assegurava o interesse de tantos, capiado com o pretexto da publica conveniencia e do bem das almas. Dóe-nos hoje ver que de erudição se consumia, que de textos das sagradas escripturas, dos doutores da Egreja, e dos auctores profanos eram tratados a cada palavra, para justificar a barbaridade, de que eram victimas os miseraveis indios.

«Principiavam os auctoros hespanhoes a defender a conquista, dizendo que estas terras, ainda que occupadas, podiam ser acrescentadas ás da Hespanha, porque eram os seus possuidores tão barbaros, incultos e agrestes, que apenas mereciam o nome de homens: e necessitavam de quem, tomando a seu cargo o governo, amparo e ensino d'elles, os reduzisse á vida humana, so-

do invasor não poude evitar que mais tarde revivesse o genio da raça *autochtone*[1].

cial e politica, para que com isto se tornassem capazes de receber a religião de Christo.

«E passando da terra aos possuidores, achavam tambem que não convinha deixal os em a sua liberdade, por carecerem de rasão e discurso bastante para bem usar d'ella; e cita a este proposito — Acosta — De procuranda indorum salute. L. 1 c. 2.º — Ped. Martyr. Dec. 1.ª = Oviedo L. 1 c. 6. — Reconheciam que se lhes fazia injuria; mas contra a regra de direito diziam que era injuria pela qual se ficava em divida, quando os sabios e os prudentes se encarregavão de mandar, governar e corrigir os ignorantes, como explicando o logar dos proverbios I. v. 10 e 26 o ensinam os sagrados doutores Agostinho, Ambrozio, etc. (Seguem-se as citações.) Porque escrevia Solozano, los que llegan a ser tan brutos y barbaros son temidos por bestias mas que por hombres, y entre ellas se contan en las sagradas Escripturas, y outros auctores, y en outras partes son comparados a los tenos e a las piedras.» E assim (acrescenta elle) segundo a opinião de Aristoletes, recebida por muitos, são servos e escravos por natureza, e podem ser forçados a obedecer aos mais prudentes, e é justa a guerra que sobre isto se lhes faz. Mais ainda: Celio Calcagnino, commentando o mesmo Aristoteles acrescenta, que se podem caçar como feras, se os que *nasceram para obedecer*, se recusam, e perseveram contumazes em não quererem admittir costumes humanos.»

[1] *Léon de Rosny*, Congrès international des Orientalistes .t. I, pag. 173.

O hespanhol fusiona-se em raças mixtas, em que, por um lado, augmenta a ferocidade de caracter do vencedor, e, por outro, reapparece a antiga superioridade do vencido. E com tão grande energia triumpha aquella raça vigorosa do ferreo jugo, com que a Hespanha a assoberbava, que no seculo XVI já o Mexico influia na Litteratura da metropole, como se vê nas concepções dramaticas de João Ruiz de Alarcon.

Isto pelo que diz respeito á Hespanha.

Estudemos agora os portuguezes em contacto com os indigenas do Brazil.

Portugal, encontrando, como dissemos, deante de si tribus completamente selvagens, é claro que não tinha a receber d'ellas nenhum principio, nenhuma idéa, nenhum elemento de progresso. A religião não podia ser o laço, que mutuamente unisse indigenas e colonisadores, porque a historia não regista em seus annaes o exemplo de haver um povo passado repentinamente de um fetichismo rude para a abstracção monotheista.

Pelo que, a obra dos jesuitas, no tocante á sciencia era quasi esteril, e os missionarios, primeiro do que tudo, cuidavam da captação das tribus selvagens para assim fixarem a sua independencia do governo portuguez.

Com respeito á fusão dos dois povos, apenas se ma-

nifesta um ou outro facto de typo *mestiço,* sem importancia na modificação da raça, que luctava por adaptar-se ás condições telluricas e climatericas do paiz.

Quanto ás tradições, o colono portuguez e bem assim as raças indigenas estavam em condições de esterilidade mui diversas das, que já vimos que possuia o hespanhol no Mexico.

É certo que os Tupinambás eram como que uma tribu de cantores, que improvisavam cantigas ao som do maracá. Os Tamoyos, segundo o manuscripto do Roteiro do Brazil, eram tambem musicos e bailadores. [1]

[1] *Gonçalves Dias,* op. cit. pag. 47: «Ufanavam-se os *Tamoyos* de serem os primeiros povoadores d'esta parte da America. Ricos de tradições e de coragem, bons alliados, irreconciliaveis nas suas inimisades — teimosos e reluctantes na adversidade, vencidos, porém nunca subjugados, eram os *Tamoyos* o typo do selvagem com todos os defeitos e vicios, mas tambem com todas as qualidades e virtudes de um povo primitivo. Era este gentio grande de corpo, homens robustos, mui valentes guerreiros, e contrario de todo o mais gentio, excepto dos *Tupinambás,* de quem se faziam parentes, e se pareciam na falla muito uns com os outros. São as suas casas mais fortes que as dos *Tupinambás,* e tem as suas aldeias muito fortificadas com grandes cercas de madeiras. São havidos por grandes mimicos e bailadores entre todo o gentio, os quaes são grandes compositores de cantigas de improviso, pelo que são muito estimados do gentio por onde quer que vão.»

Essas tribus porém nunca attingiram a consistencia mutua necessaria para a creação de uma nacionalidade, nem possuiam os rudimentos da epopea, porque tambem nunca se elevaram á concepção religiosa do polytheismo [1].

Na propaganda dos jesuitas, o espirito da companhia approveitou-se d'aquelle pendor natural para a musica e para os bailados com o fim de desenvolver as cantigas piedosas substituindo-as aos cantos dos aborigenes [2].

[1] Op. cit. pag. 134: «Os feitiços e o culto dos *Manitós* tinham quebrado o ultimo élo que os prendia uns aos outros — tinham acabado de destruir a religião, que só poderia unir tribus contrarias, ainda que descendentes da mesma raça. Sem communhão de interesses, sem communhão de principios, os feitiços *Manitós*, deuses privativos de cada taba, de cada familia, de cada individuo, tendiam a separal-os cada vez mais uns dos outros, e a fé que podia ter cada um no seu idolo, arrefecia por não ser aviventada no grande fóco da religião de todos, e porque se não referia aos mesmos objectos.»

[2] Op. cit. pg. 167: «Longe estava de serem estas as unicas recreações, que tinham: cantos e danças se succediam, e tribus havia afamadas pelo dote do canto. Bons cantores eram todos os *Tupys*, e tão inclinados á musica, tanta impressão lhes fazia, que só com ella pareceu a um jesuita poder chamal-os a outra norma de vida.»

Este facto não deixou de ter grande pezo na exclusiva manifestação da fórma lyrica na colonia portugueza; e o que diz o senhor Varnaghen com relação aos cantares indigenas «*improvisavam Motes com Voltas, acabando estas nas consoantes dos mesmos Motes*[1]» serve-nos em parte para explicar como fórmas analogas da poesia portugueza se reproduziram no Brazil, e lá se conservaram quando no continente europeu estavam já de todo em todo obliteradas.

Vejamos agora qual a cultura intellectual do colono portuguez.

As colonias eram geralmente constituidas por algumas familias senhoriaes, que formavam a aristocracia das capitanias militares, e por clientes das classes agricolas. Estes ou eram seduzidos por esperanças e promessas enganadoras, ou então (o que succedia quasi sempre) obrigados por mil arbitrariedades de monstruosas leis penaes, que ainda são de ver nas ordenações Manuelinas e Philippinas[2].

[1] *Varnaghen*, Florilegio da Poesia Brazileira, pag. XI, Lisboa, 1850.

[2] Era tão grande o numero de degredados, que Portugal enviava constantemente para o Brazil, e tão nocivo o seu contacto com os indigenas e com os outros colonos, que Diogo Coe-

Addicionemos a estes o elemento jesuita, e para tornarmos bem saliente a acção, que tiveram os trez so-

lho escreveu ao rei uma carta, em que dizia o seguinte: «Outro si, Senhor, já por tres vezes tenho escripto e disso dado conta a V. Alteza ácerca dos degradados, e isto, Senhor, digno por mim e por minhas terras, e por quão serviço de Deos e de V. Alteza, é, e bem o augmento desta nova Lusitania mandar que taes degradados, como de tres annos para quá me mandam, porque certifico a V. Alteza, e lhe juro polla hora da morte, que nenhum fruito nem bem fazem na terra, mas muito mal e danno, e por sua causa se fazem cada dia malles, e termos perdido o credito que até aqui tinhamos com os indios, porque o que Deos nem a natureza não remediou, como eu o posso remediar, Senhor, senão, com cada dia os mandar enforcar, o qual é grande descredito e menoscabo com os indios?... e outro si, não são para nenhum trabalho, vem proves e nús, e não podem deixar de usar de suas manhas, e n'isto cuidam, resuão sempre em fugir e em se irem, creia V. Alteza que são piores qua na terra que peste, pollo quall peço a V. Alteza que pollo amor de Deos tal peçonha me quá não mande, porque tem mais de destruir o serviço de Deos, e seo, e o bem meu, de quantos estão comigo, que não huzar de misericordia com tal gente; porque até nos navios em que vem, fazem mill malles, achamos que menos dous navios, que por trazerem muitos degradados são desaparecidos: torno a pedir a V. Alteza que tall gente me quá não mande, e que me faça mercê de mandar ás suas justiças que os não remettão nos navios que para minhas terras vierem, porque é, Senhor, deitarem-me a perder.»

bre a litteratura do Brazil, cumpre estudar a de cada um em especial.

Principia a colonisação no seculo XVI; no momento em que a nacionalidade lusitana tocava o zenith da sua grandeza e do seu poder; no momento, em que a litteratura entrava no seu periodo aureo, na sua phase de esplendida florescencia — o Quinhentismo.

Os acontecimentos politicos, philosophicos e litterarios, que em todo o orbe se observam n'esta epocha, denominada a Renascença, são maiores em numero e de uma importancia superior aos de todos os seculos anteriores.

Não vão longe os tempos, em que para muitos só então principia a civilisação, dizendo-se que o mundo viveu em trevas durante toda a edade media.

É certo que na Renascença a Europa experimenta profundas transformações em todos os estados, que a compõem; Benevenuto Cellini e Miguel Angelo cinzelam no marmore as suas obras admiraveis, em que desapparece o *dies irae,* que exhalavam as estatuas das egrejas byzantinas; immortalisam-se os genios de Leonardo de Vinci e Raphael d'Urbino; Christovam Colombo descobre a America e renova a natureza, ao passo que Hutten, Bacon, Erasmo e Descartes renovam o espirito; cae a cavallaria aos pés de Cervan-

tes; o telescopio approxima-nos do céu; lançam-se os fundamentos da botanica experimental, da physica e da chimica; e Luthero, queimando publicamente em Wittemberg a bulla do papa Leão X, que o condemna, dá principio á grande revolução religiosa conhecida pelo nome de Reforma.

Estes factos, porém, são a consequencia legitima e necessaria dos seculos medievos. E assim como a natureza, no segredo do seu laboratorio, realisa os grandes phenomenos da germinação, da inflorescencia, da fecundação e da fructificação, que depois contemplamos e admiramos absortos, assim tambem no vasto laboratorio da edade media preparam-se acontecimentos tão notaveis, que, se a epocha foi de trevas, abençoadas foram ellas, que legaram á humanidade larga copia de fructos sasonados e opimos.

Tambem na historia de Portugal não existe epocha de maior alcance, de mais subida e de mais pura gloria do que o brilhante periodo das navegações e dos descobrimentos, que abrange a quebra do seculo XV e a primeira parte do seculo XVI.

Fulgura n'aquelles dias com uma claridade sobrehumana a alma dos descendentes de Affonso Henriques, e a voz do seu destino resoa tão alto e por tal fórma, que povos e reis não hesitam um só minuto em reali-

sal-o, confiando á Providencia, como quem se desempenha de um dever sagrado, o exito de suas emprezas difficeis e arrojadas.

É a pagina de ouro da historia portugueza. O desconhecido é para Vasco da Gama, Bartholomeu Dias, Pedro Alvares Cabral e tantos outros impavidos navegadores, como o desejo ardente, que nutriam no peito os mysticos e os ascetas ao lançarem-se nos braços do amor infinito: era a voz de Deus, que os chamava para cingir-lhes as frontes de corôas immortaes.

Como legitima consequencia d'esta elevação de nivel na familia lusitana, a Litteratura adquire um consideravel desenvolvimento, e entre os muitos engenhos mimosos e peregrinos, que illustraram o paiz com seus escriptos, destaca salientemente o vulto magestoso de Luiz de Camões.

Adorando com enthusiasmo a *ditosa patria sua amada, quasi cume da cabeça da Europa toda,* reputando o mundo theatro pequeno para as glorias portuguezas, Camões abre o seu generoso coração ás tradições e sentimentos populares, bebendo toda a luz e poesia nas paginas venerandas da historia.

As acções heroicas de um *Pacheco fortissimo,* dos *Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;* as victorias do *velho Affonso principe subido*

Que sempre no seu reino chamarão
Affonso, Affonso, os echos; mas em vão;

os rasgos de valor, de lealdade e fé religiosa, que foram admirados pelas multidões, excitaram grandemente a musa do poeta, e assim como o vate florentino relata no seu *Inferno* todos os temores, que assaltavam a imaginação de seus povos, Camões repete nos *Lusiadas* todos os gritos de enthusiasmo, que a narração de passados feitos arrancava aos nobres corações dos portuguezes.

Alguns escriptores, e, entre outros, Hegel, apontam como defeitos capitaes no poema dos *Lusiadas* uma grande pompa de erudicção e a mistura da theologia e da mythologia, do maravilhoso do christianismo e do paganismo.

O proprio visconde de Almeida Garrett, admirador enthusiasta do grande epico, que perguntava cheio de indignação:

«Onde jaz portuguezes o moimento,
Que do immortal cantor as cinzas guarda?»

o proprio visconde de Almeida Garrett diz n'aquelle adoravel livro: *Viagens na minha terra:* «a fallar a ver-

dade e por mais figas que a gente queira fazer ao Padre José Agostinho—ainda assim! ver o padre Baccho revestido *in pontificalibus* deante de um retabulo, não me lembra de que santo, dizendo o seu *dominus vobiscum* a algum acolytho bacchante ou corybante, que lhe responde o *et cum spiritu tuo*... não se póde! é uma que realmente!»

Affigura-se-nos porém que taes accusações não merecem o pezo, que muitos querem dar-lhes.

Em primeiro logar os *Lusiadas* não são o poema de uma raça apenas saída das faixas infantis, cheia de aspirações, sentindo-se feita para as grandes cousas e capaz d'ellas.

Pelo contrario. São a verdadeira expressão de uma nacionalidade robusta e vigorosa, que já tinha tocado o zenith da sua gloria, que acabava de dar ao mundo novos mundos.

E, assim como seria repugnante ver os *Niebelungen* escriptos na fórma elegante dos poetas da Renascença, tambem seria anti-litteraria a expressão de uma alta cultura e de uma forte nacionalidade vasada nos moldes singelos da poesia popular dos seculos medievos.

Quanto á mistura da theologia e mythologia, devemos lembrar-nos de que, no tempo de Camões, os deuses da fabula eram personagens allegoricos, e de que

talvez no seculo, em que escreveu, não lhe fosse dado empregar o maravilhoso do christianismo.

É geralmente diverso o caminho seguido pela poesia popular e pela arte erudita, e Luiz de Camões, unindo-as em feliz consorcio, conseguiu escrever a unica epopea nacional, que se conhece na arte moderna.

Os *Lusiadas* são, na phrase de um elevado espirito, a Iliada do trabalho em substituição á Iliada da guerra.

E em verdade, a idéa era nova. A raça lusitana levara a cabo uma empreza, cujo valor lhe invejam fabulistas estrangeiros. Sentia estremecer-lhe nos seios um poema. Coube a Camões a gloria de cantal-o.

As batalhas sangrentas, que deixam o solo juncado de cadaveres; os discursos heroicos, com que os capitães despertam o valor e enthusiasmo no peito dos soldados, são ali substituidos pelo combate do homem com a natureza, por apostrophes dirigidas aos elementos, pela lucta incessante do trabalho, pela aspiração nobre de uma raça, cujo pensamento cifrava-se todo nos hymnos entoados pelo povo, quando as vélas enfunadas dos galeões desappareciam nos ultimos confins do horizonte.

Ainda assim, não faltaram detractores ao genio immortal do epico portuguez.

Não admira. O grande Homero,

«Esse, que bebeu tanto da agua aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina
Entre si Rhodes, Smyrna, Colophonia,
Athenas, Chios, Argos, Salamina.»[1]

teve, é certo, grandes elogiadores e encomiastas; Cicero, um dos maiores engenhos da antiga Roma, admira-o e contempla-o como pintor inexcedivel da natureza; Horacio, Dion Chrysostomo e Quintiliano são concordes em reconhecer o merecimento do celebre rhapsodo; e São Basilio diz que as epopeas de Homero são um hymno ininterrompido á vida.

Mas, em opposição a estes, contava Pythagoras que vira no Tartaro a Homero perseguido pelas Furias, por ter insultado os deuses; Xenophanes, Heraclito e Epicuro detestavam as obras homericas; e Zoilo, segundo a tradição, pagou com a propria vida a sua excessiva mordacidade.

Na edade moderna, d'Aubignac, no seculo XVII, e mais tarde Vico, philosopho napolitano na sua *Scienza nuova,* e o erudito professor da universidade de Halle, Frederico Wolf, chegaram até a affirmar que Homero não tinha existido, e que a *Iliada* e a *Odyssea* não

[1] *Camões,* Lusiadas, canto 5.º, LXXXVII.

eram parto da imaginação de um só homem, mas composições de um grande numero de aedos, reunidas e compiladas por Pisistrato.

Não admira, pois, repetimos, que tambem Luiz de Camões tivesse criticos injustos e mordazes; mas, a par d'esses, todos os corações verdadeiramente portuguezes, todos os admiradores da arte e da poesia não duvidam exclamar a respeito d'elle o que do cantor de Ulysses escreveu um poeta latino:

«Meruit Deus esse videri
Et fuit in tanto non parvum pectore numen.»

Reatemos o fio do nosso assumpto, que muito de proposito cortámos para tributar a homenagem da nossa admiração ao engenho do Homero lusitano, a quem o sabio Alexandre Humboldt chamou o Homero das linguas vivas.

As colonias, dissemol-o já, eram geralmente constituidas por familias senhoriaes, por clientes das classes agricolas, e ainda por um terceiro elemento — o jesuita.

Mas as familias senhoriaes pertenciam a uma aristocracia pouco instruida, como se póde ver dos regulamentos d'el-rei D. Manuel, que obrigavam os filhos dos nobres a aprenderem a ler, e das sentidas quei-

xas de Camões, quando nos *Lusiadas* falla d'esta triste philaucia:

«Emfim não houve forte capitão,
Que não fosse tambem douto e sciente
Da Lacia, Grega, ou barbara nação;
Senão da portugueza tão sómente,
Sem vergonha o não digo, que a razão
D'algum não ser por versos excellente,
He não se ver prezado o verso e rima:
Porque quem não sabe a arte, não na estima.

Por isso, e não por falta de natura,
Não ha tambem Virgilios nem Homeros,
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneas, nem Achilles feros.
Mas o peior de tudo é que a ventura
Tão asperos os fez, e tão austeros,
Tão rudes e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco ou nada d'isso.» [1]

Por conseguinte este elemento em nada podia concorrer para a cultura litteraria.

[1] *Camões*, Lusiadas, canto 5.º, XCVII e XCVIII.

Os jesuitas, votando-se completamente aos cuidados da catechese e da propaganda, só empregavam as composições litterarias como meio indirecto de fazer convergir as attenções para a doctrina; o que se prova pela reproducção de alguns Autos dramaticos da escola de Gil Vicente, como o do *Rico avarento e Lazaro pobre,* o *Dialogo pastoril* e o *Dialogo da Ave Maria.*

Resta-nos estudar agora a classe popular, sem duvida a mais importante, por isso que foi ella a que manteve e conservou inconscientemente o espirito tradicional, causa de toda a inspiração e de todo o esplendor do lyrismo brazileiro.

As condições, em que o colono portuguez entrou no Brazil, eram de todo o ponto differentes das em que se achava quando povoou as ilhas da Madeira e dos Açores.

Carecia das qualidades, que alimentaram e desenvolveram a corrente da inspiração popular n'aquellas ilhas.

Nem causará estranheza o facto, que deixamos apontado, se nos lembrarmos de que as tradições poeticas, ainda não atrophiadas no seculo XV pela intolerancia religiosa, rivalisava em fecundidade e brilho com as do povo hespanhol, conservando-se as riquissimas Aravias, até hoje vivas na memoria popular dos Açores e da Madeira [1].

[1] *Theophilo Braga,* Cantos do Archipelago.

No seculo XVI o horizonte appresenta-se carregado, o ceo portuguez cobre-se com as espessas nuvens do obscurantismo, que preparava os povos e os conduzia á terrivel catastrophe da perda da nacionalidade. A sangrenta carnificina de Lisboa, no anno de 1506, era como que o primeiro annuncio d'este infausto acontecimento.

O povo começou de ser afastado de suas tradições com a prohibição das cantigas devotas e dos romances ao divino. Gil Vicente tem sido grande numero de vezes citado como testemunha d'esta mudez imposta.

É uma comprovação na realidade curiosa observar como na colonia do Brazil se manifesta uma ausencia quasi completa dos cantos heroicos, que o povo designava com o titulo de *Aravias,* e os eruditos com o de *Romances.*

Ouçamos a opinião de um critico brazileiro, o sr. Sylvio Romero, emittida n'um trabalho publicado, ha dois annos, sobre ethnologias selvagens.

Diz assim: «Procurae nos seculos XVI e XVII manifestações serias da intelligencia colonial e as não achareis. A totalidade da população, sem saber, sem grandeza, sem gloria, nem sequer estava n'esse periodo de barbara fecundidade, em que os povos intelligentes amalgamam os elementos de suas vastas epopeas.

«*Procurae portanto uma poesia popular brazileira,*

que de longe mereça este nome, e ainda hoje correreis atraz do absurdo[1].»

Isto porém, que com verdade se affirma dos cantos de caracter epico, por nenhuma fórma se torna extensivo aos cantos lyricos.

Muito ao revez d'isso, a influencia de uma poesia lyrica tradicional portugueza, que tão evidente se manifesta nos Cancioneiros provençaes dos seculos XIII e XIV, sobretudo na fórma das *Serranilhas* e dos *Cantos de Ledino*, ainda era tão vigorosa no seculo XVI, que imprimia feição ás Canções, que Gil Vicente intercallava nos seus Autos, e bem assim ás Redondilhas de Camões e de Sá de Miranda.

E por isso, no estudo historico biographico sobre José da Natividade Saldanha, alludindo ás canções populares brazileiras, escreve o seu auctor, o sr. José Augusto Ferreira da Costa:

«Seria muito para desejar e para louvar que nas diversas provincias se recolhessem as cantigas populares, aliás tão abundantes entre nós, a fim de se não perderem completamente no futuro.

«E aquelles, que se lançarem a este campo, com muitas difficuldades terão de luctar; mas prestarão um

[1] *Sylvio Romero*, op. sobre Ethnologias Selvagens, pag. 44. Recife, 1875.

relevante serviço ao paiz. Muitos julgam taes estudos uma verdadeira inutilidade, sem o menor valor; entretanto merecem elles todos os cuidados como elementos para a formação da litteratura popular.

«Praza a Deus que muitos se lancem n'essa rica ceara e tragam ao publico as suas colheitas[1].»

No *Florilegio do poesia brazileira* diz o senhor F. A. de Varnaghen, hoje visconde de Porto Seguro. «Das *Modinhas poucas conhecemos;* e essas insignificantes, e de epocha incerta, a não ser a bahiana

Bengué, que será de ti!

glosada por Gregorio de Mattos; essa mesmo sabemos ser antiga; mas não nos foi possivel alcançal-a completa.

«Não deixaremos de commemorar a do Vitú que cremos ter o sabor do primeiro seculo da colonisação, o que parece comprovar-se com ser em todas as provincias do Brazil tão conhecida.

Diz assim:

«Vem cá, Vitú! Vem cá, Vitú!
— Não vou lá, não vou lá, não vou!

[1] Ap. Poesias de José da Natividade Saldanha, pag. LXV. Pernambuco, 1875.

«Que é d'elle, o teu camarada?
—Agua do monte o levou!
«Não foi agua, não foi nada;
Foi cachaça que o matou.

«Egualmente antiga nos parece a modinha paulista:

Mandei fazer um balaio
Para botar algodão... »

Ampliando estes factos citaremos uma cantiga popular da provincia do Maranhão, que se conserva tambem na tradição dos arredores do Porto.

Capineiro de meu pae
Não me cortes meu cabello;
Minha mãe me penteava,
Minha madrasta me enterrava,
Pelo figo da figueira,
Que o passarinho levava.
Foge, foge, passarinho,
Não me comas o figuinho.

Eis a fórma, com que se appresenta nos arredores do Porto:

Não me arranques meu cabellinho,
Que minha mãe m'o criou;
Minha madrasta m'o enterrou
Pelo figo da figueira,
Que o passarinho levou.

A manifestação do elemento tradicional no lyrismo brazileiro obedece a uma lei ethnica: quando os costumes, a poesia e a linguagem tendem a desapparecer por qualquer circumstancia na metropole, conservam-se com um vigor tenacissimo nas colonias.

Em abono d'esta asserção, appresentaremos um facto bastante eloquente e de todos conhecidissimo.

O antigo costume religioso das festas do Espirito Santo, que tinha um caracter puramente aristocratico na epocha d'el-rei D. Diniz, ainda tem o nome de *Imperio dos Nobres* nas ilhas dos Açores, e conserva-se no Brazil, havendo desapparecido quasi completamente no continente do reino [1].

Em uma noticia sobre a Provincia de Matto Grosso, do sr. José Ferreira Moutinho, lê-se a descripção das festas do Espirito Santo, em tudo similhantes ás que se fazem nos Açores e nas margens do Zezere.

Sabemos que em quasi todas as provincias do Bra-

[1] Op. cit., tomo 1.º, pag. 22 e 23.

zil se celebram aquellas festas, sendo grande a pompa, com que são feitas em Alcantara, no Maranhão, em Santa Catharina, S. Paulo, etc.

Refere o sr. Moutinho: «Os festejos em honra do Espirito Santo são os mais populares e pomposos. O festeiro é eleito por sorte. Antes do dia da festa vae elle acompanhado de musica e de algumas pessoas, com as insignias, que se compõem de uma corôa de prata, sceptro e bandeira, a pedir esmolas, que montam ordinariamente a dois contos de reis, e até a mais.

«No dia do Espirito Santo o Imperador vae á Egreja dentro de um quadrado formado por quatro varas de madeira, cujas extremidades são seguras por quatro homens escolhidos sempre entre pessoas de mais distincção, levando n'uma salva a corôa e o sceptro, e precedido da bandeira. Assiste á missa, que é pontifical; á tarde acompanha pela mesma fórma a procissão.

«Na vespera ha illuminação e fogos de artificio, desde a porta da matriz até á casa do festeiro, onde está armado um riquissimo altar.

«Depois de concluidos os actos religiosos ha distribuição de carne verde e viveres aos pobres, assim como de pequenos pães a todo o povo. As auctoridades recebem presentes especiaes, que se compõem de grandes roscas de trigo enfeitadas de flôres e laços de fitas.

«Por fim seguem-se as corridas, comedias, bailes, etc [1].

Este vigor e tenacidade, que se nota nos costumes já obliterados na metropole, tambem se manifesta na linguagem archaica, que tende a constituir-se em dialecto independente.

Na linguagem popular, as palavras portuguezas vão-se contrahindo, vão perdendo as fórmas finaes, vão-se, porque assim digamos, emancipando da tutella da lingua mãe.

Alguns cantos, que o povo de Cuyabá entoa ao som do *Côcho* na dança do Curúrú, revelam claramente o que acabamos de dizer:

Em cima d'aquelle morro
Siá dona!
Tem um pé de jatobá.
Não ha nada mais pió
Ai! Siá dona!
Do que um home se casá!

O mesmo se prova com as cantigas de desgarrada, bem conhecidas na mór parte das povoações portugue-

[1] Op. cit., pag. 21. S. Paulo, 1869.

zas, e que no Brazil conservam toda a sua espontaneidade de inspiração:

—Eu passei o Parnahyba
Navegando n'uma barça.
Os pecados vem da saia,
Mas não póde vir da carça.

Dizem que a muyé é farça,
Tão farça como papé;
Mas quem matou Jesus Christo
Foi home, não foi muyé[1].

No Maranhão canta-se muito a seguinte quadra:

Cajueiro pequenino
Carregado de folô,
Eu tambem sou pequenino
Carregado de amô.

Em quasi todas as provincias tambem é conhecida uma modinha, em que desappareceram completamente as fórmas finaes:

[1] Noticia sobre Matto Grosso, pag. 19.

Você já vio,
P'ra acabá de quêrê,
Trábaiá o feio
P'ro bonito comê
Até morrê.

Ainda poderiamos appresentar muitos outros exemplos do mesmo genero; porém estes são bastantes a fazer mostrar como se vae lentamente differençando o dialecto brazileiro, que estaria já tão afastado do portuguez, como o dialecto da Biblia de Columbo, se a isso não obstasse a poderosa corrente da cultura litteraria.

Não é este um phenomeno excepcional; antes obedece ás exigencias de todo o progresso.

O Brazil tem uma vida politica absolutamente independente; seus filhos tem aspirações e necessidades, que lhes são proprias, e carecendo de traduzil-as por uma fórma tambem propria, hão de necessariamente receber a influencia, que os factos historicos e a marcha da civilisação exercem sobre as linguas, amoldando-as ás novas tendencias, imprimindo-lhes novos caracteres.

Um escriptor de fino gosto, notavel pela robustez

do talento, pela variedade da erudicção, e pela vernaculidade e elegancia do estylo, o sr. José María Latino Coelho, de quem tivemos a boa fortuna de ser discipulo na cadeira de Mineralogia e Geologia na Escola Polytechnica, escreve as seguintes palavras no Relatorio dos trabalhos da Academia Real das Sciencias de Lisboa, lido em sessão publica aos 12 de dezembro de 1875: «Não póde a linguagem de nenhum povo immobilisar-se e como que fundir-se em bronze para desafiar nos seus contornos immutaveis a acção do tempo e das ideias.

«Toda a lingua viva, por isso mesmo que tem acção e movimento, é um organismo, em que se estão passando perennemente profundas transformações.

«Não sómente se permutam, por uma continua assimilação, os antigos elementos, senão que por uma lei universal da natureza, a da variação inevitavel dos typos e das fórmas organicas, vão perdendo pouco a pouco as feições primordiaes, e accommodando a sua indole ao meio, em que respiram».

Taes revoluções da linguagem constituem já um dos axiomas da sciencia philologica. E, se estudassemos detidamente as causas do que muitas vezes se chama decadencia e corrupção das linguas, notariamos que essa decadencia e corrupção não eram mais do que as

legitimas consequencias e os effeitos das influencias, que apontámos.

Assim, por exemplo, se seguirmos passo a passo a historia da corrupção e decadencia da lingua latina; e se, analysando o seu caracter durante o imperio dos Flavios e Antoninos, observarmos que a legislação syntactica admitte canones mais amplos, e que o hyperbaton vae cedendo o logar á construcção directa, involuntariamente nos acudirá á memoria a extensão e generalidade da politica imperial, e a lembrança d'aquelles gallos ou hispanos, que se sentavam no senado junto dos descendentes dos antigos patricios.

Se depois, estudando o latim ecclesiastico, notarmos que desapparece quasi totalmente o elemento syntactico, subsistindo apenas o lexico, que é, porque assim digamos, o *material* das linguas, involuntariamente nos acudirá tambem á memoria o espirito d'aquella civilisação, que tinha abjurado o polytheismo para abraçar a fé e seguir a doctrina do Nazareno.

Esta tendencia, que notámos, da linguagem archaica para emancipar-se da tutella da lingua mãe, ha de ter uma alta importancia no futuro da lingua brazileira.

Não são as academias e os sabios, mas a corrente popular quem fórma as linguas e os dialectos. Assim

aconteceu com os modernos idiomas, formados pela grande influencia das povoações ruraes da edade media.

É sabido que os campos, onde se refugiaram as classes populares, eram divididos em circumscripções, a cada uma das quaes se dava o nome de *pagus*, e estas eram compostas de pequenas subdivisões chamadas *vicus*.

Ahi é que se operou a grande transformação da linguagem.

A Egreja impõe o latim como lingua liturgica; porém a classe popular na vida religiosa do *pagus*, independente das grandes abbadias, exige que as orações sejam ditas em linguagem rustica pelo padre e pelo povo simultaneamente.

D'aqui a acção poderosa das povoações ruraes na formação das linguas modernas, e lá é que apparecem no seculo VII os primeiros hymnos *farcis*, escriptos em latim, commentados pelo meio em linguagem vulgar, ou servindo esta para completar o verso.

A seguinte composição de Gil Vicente dá ideia clara d'este genero de hymnos:

«*Pater noster*, creador,
Qui es in coelis, poderoso,

Sanctificetur, senhor,
Nomen tuum vencedor.
Nos ceos e terra piedoso
Adveniat a tua graça.
Regnum tuum sem mais guerra.
Voluntas tua se faça
Sicut in coelo et in terra.
Panem nostrum, que comemos
Quotidianum teu é.
Escusal-o não podemos;
Inda que não merecemos
Tu da nobis hodie, etc.

Alem d'isso na Egreja do *pagus* havia sanctificações, correndo de bôca em bôca as virtudes de um São Martinho, de uma Santa Genoveva, etc. Formada assim a tradição, era depois escripta em linguagem rustica e lida á hora da missa. Tal foi a origem da *legenda,* nome, que por si só basta para significar a profundidade d'esta creação.

Não se limita á formação das linguas a acção energica das povoações ruraes.

Entre ellas o povo servia-se das imagens quasi como da Biblia. Quando havia qualquer sanctificação, pintavam-se todos os factos e episodios da vida do sancto

nas portas, nas janellas, nas paredes, por toda a parte. Ora as imagens, traduzindo muitas vezes fórmas abstractas, adquiriam um certo symbolismo, que reflectindo-se nas artes da Italia, trouxe o germen de futuras concepções artisticas.

Fazendo a confrontação da arte moderna com as antigas, não encontramos n'ella, como na arte oriental, a antinomia entre a ideia e a fórma, que se revela ao espirito por meio de simples reminiscencias. Tambem não encontramos, como na civilisação greco-romana, a perfeita harmonia entre a fórma e a ideia, que produz a serenidade da arte grega.

Vemos porém que as fórmas, que hão de traduzir a ideia, sendo estreitas e acanhadas, restringem-se unicamente a dar a impressão d'essa ideia.

Analysando-a detidamente em suas diversas phases, notamos que a arte moderna procura sempre realisar-se nas fórmas mais vagas.

Assim a pintura dá a ideia do terror, do extasis, da alegria, como se observa na Magdalena de Corregio e nos admiraveis quadros de Raphael, de Ticiano e de Leonardo de Vinci, cuja Ceia inimitavel é o mais perfeito modelo da arte na sua mais elevada aspiração. A estatua grega, pelo contrario, não consegue realisar esse ideal.

O mesmo phenomeno se observa ainda nas cathedraes, quando as comparamos com os templos gregos e romanos.

As construcções altissimas, com as suas columnas esguias, com as suas agulhas, os seus corucheos, as suas abobadas solemnes e sublimes, a luz mysteriosa, quasi em meia penumbra, inspiram uma compuncção intima, um sentimento profundo de respeito; são como o symbolo do pensamento christão aspirando para o ceo, lembrando-se da outra vida, da queda do homem, e da sua resurreição no dia do juizo final.

Esse sentimento, que não póde ser traduzido em pedra, é expresso por fórmas, que o não abrangem, é verdade, mas que procuram e conseguem despertar-lhe a ideia.

A musica antiga era uma simples melodia, uma manifestação espontanea. A arte moderna amplificou-a por condições essenciaes e creou a harmonia, cabendo a um piedoso monje do XI seculo, Gui d'Arezzo, a gloria de ter inventado a escala diatonica, e de ter empregado as claves, os espaços interlineares, etc.

Essa nova creação, que constitue a arte da musica, de todas a mais impalpavel, a que mais nos impressiona, deixando-nos maior liberdade de sentimento, quando obedece ao engenho de um Meyerbeer, de

um Rossini ou de um Gounod, desentranha-se em maravilhosas composições, como o duetto apaixonado de Valentina e Raul nos *Huguenottes,* o formosissimo tercetto do *Guilherme Tell,* e a mimosa lenda do rei de Thule cantada pela Margarida do *Fausto.*

Alem d'isso na egreja faziam-se os contractos mais importantes, cujas ultimas clausulas eram maldições sobre quem primeiro faltasse a elles; faziam-se reconciliações, faziam-se as *ordalias,* as experiencias, como a do ferro em brasa, para conhecer os criminosos; na egreja consultavam-se sortes a respeito dos diversos factos da vida; finalmente a egreja era um verdadeiro *forum,* não ao ar livre, mas em que todos se reuniam debaixo do mesmo tecto em sancta fraternidade.

N'este periodo tambem se crearam as necessidades das *jurandas,* em virtude das quaes, só com as esmolas das pequenas povoações, se construiam cathedraes sumptuosas, que nenhum estado hoje seria capaz de erigir apezar de seus recursos financeiros.

É que as pequenas povoações não se ufanavam de possuir ascendentes gregos e romanos; mas queriam os *pagi* ensoberbecidos com o symbolo da sua independencia e vida central, affirmada pela edificação de uma cathedral magestosa do mais primoroso trabalho e do mais subido valor.

Esta nobre e piedosa actividade foi causa de se elevarem immensas edificações, como a cathedral de Drontheim, o mais rico monumento da peninsula scandinava, cujas estatuas e esculpturas rivalisam com as de S. Pedro em Roma; a cathedral de Colonia, egreja modelo, que juntamente com as de Strasburgo e de Friburgo formou a magestosa trilogia da arte gothica do Rheno; as cathedraes de Chartres, de Reims e tantas outras, que são o pasmo e admiração de quem as contempla.

Os artitas mais celebres e notaveis concorriam com o seu talento e com a sua inspiração para o adorno d'esses templos magnificos.

Assim vemos um Ghiberti de Florença construir em bronze as portas do baptisterio de S. João, que segundo a opinião de Miguel Angelo, são dignas de ornarem a entrada do Paraiso; um Giotto, um Angelo de Fiesole, e mais tarde essa pleiade de artistas, que foram gloria, não de uma nação, mas da humanidade inteira.

De todos estes factos e de muitos outros, que poderiamos citar, é facil concluir que havia no *pagus* uma elaboração especial, indispensavel para o estudo das litteraturas modernas.

Effectivamente, sem o conhecimento da vida do *pagus*, a poesia provençal seria o fructo de um estado ano-

malo dos espiritos; mas, á luz d'estes principios, são as cantigas gaulezas do sul da França, a que o povo deu vida n'um momento de independencia durante as cruzadas, e que na volta d'estas, cahiram em poder dos jograes, que as andavam explorando de terra em terra.

A vida das modernas litteraturas só começa depois da poesia provençal. É ella que primeiro usa dos novos dialectos e dá origem á grande escola dos trovadores.

Enamorados da formosura das castellãs, para elles um ideal inaccessivel, os trovadores, umas vezes desferiam as cordas da lyra, soltando cantos sentidos e apaixonados; outras vezes, acompanhando o senhor, praticavam nas guerras acções nobres e heroicas, inspiradas pelo amor, que, na phrase do poeta, *altos feitos persuade*.

Se o segredo, condição essencial d'aquella paixão ardente, vinha a ser um dia descoberto, cheios de coragem acceitavam a morte nas florestas visinhas, e a lenda refere o desditoso fim de um trovador, cujo coração foi servido como iguaria delicada e exquisita á meza de Margarida de Roussillon.

Pois o amor do escravo apaixonado pela dama patricia, e o sentimento, com que esta correspondia ao af-

fecto do escravo humilde e obscuro, constituem o primeiro balbuciar das linguas no XI e XII seculo.

Procurámos tornar bem accentuada a grande influencia da corrente popular na edade media sobre as linguas, sobre as artes e sobre as litteraturas, para mostrar quanto se póde esperar d'essa corrente n'um paiz cheio de vida, de riquezas e de talento, como o Brazil.

Prosigamos na demonstração do nosso assumpto.

O contacto das povoações ruraes com o indigena selvagem, a vida retirada e solitaria da fazenda, a acção dissolvente do clima, as epidemias e molestias endemicas, teem degradado a condição do colono portuguez no Brazil; antes porém d'esta acção deprimente era grande o seu vigor, como varias vezes se manifesta no instincto da independencia local.

Com os habitos da vida agricola coexistia a persistencia da tradição lyrica.

A dansa do batuque, ainda usada na provincia de Matto Grosso e em todo o Brazil, conserva-se tambem nas ilhas dos Açores[1]; e as cantigas serranas das po-

[1] Na sua obra, já citada, diz o sr. Ferreira Montinho: «na vertigem do batuque o enthusiasmo, que se communicava, apagava ao menos por momentos a lembrança dos males da vida, distrahia pezares que em toda a parte se encontram»; e descreve a dansa do seguinte modo: «Cada cavalheiro com pas-

voações agricolas do Minho encontraram no colono portuguez as mesmas condições de estabilidade e conservação.

Apezar da sua grande formosura e do suave perfume de poesia, que as caracterisa, essas cantigas já no seculo XV não eram imitadas nos Cancioneiros palacianos, e no seculo XVI só genios verdadeiramente possuïdos do espirito nacional, como Camões e Sá de Miranda, ousaram introduzir momentaneamente na litteratura portugueza a fórma das *Serranilhas.*

Abandonando o lyrismo nacional, em que fulgiram a ponto de se tornarem inexcediveis os formosos talentos de Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão, a epocha quinhentista lançou-se toda na imitação das formas da poetica italiana.

Egual tendencia prevaleceu nas classes cultas do Brazil, e é por isso que até hoje ainda se não havia encontrado a relação intima e historica entre *a Modinha brazileira* e a velha *Serranilha* portugueza — galleziana.

sos engraçados e tregeitos, vae tirar uma dama, que acceita o convite, começa com o seu par uma especie de chula, que termina depois de muitos requebros e meneios de corpo por uma forte «umbigada», que produz um estalo, quando os dançantes são ageis e dextros.»

Só depois de se ter apagado completamente em Portugal a memoria d'aquella ingenua fórma lyrica, é que a *Modinha* foi recebida com prazer e gosto, como se realmente possuisse o condão e sabor de uma verdadeira novidade.

A sociedade portugueza era frequentada por *pardos* improvisadores, contra os quaes tanto se insurgia a musa epigrammatica de Bocage, e Filinto Eliseo não deixava de patentear o seu rancor, mesmo na epocha, em que as saudades e recordações da patria lhe attribulavam a existencia no exilio [1].

[1] Alem de outras composições, em que Bocage ridiculisava o pobre Domingos Caldas Barbosa, dando-lhe os epithetos de *sabujo ladrador, cara de nico, loquaz saguim, osga torrada etc.*, o soneto, que vae ler-se, bem mostra o desprezo, com que o tratava :

«Preside o neto da rainha Ginga
Á corja vil, aduladora, insana ;
Traz sujo moço amostras de chanfana ;
Em copos deseguaes se esgota a pinga.

Pão com manteiga e chá ; tudo á catinga ;
Masca farinha a turba americana ;

E o ourang-tang a corda á banza abana,
Com gestos e visagens de mandinga.

Os *pardos* ou *mestiços* possuiam notaveis dotes de espontaneidade poetica; e os que sentiam no peito a ardente aspiração da independencia nacional, sendo egualmente espontaneos, sobrelevavam aos outros na agudeza de seus conceitos e alteza de seus conhecimentos.

Nos poetas pardos revivia a fórma da *Modinha* com o refren em virtude da estreita analogia e similhança com o typo primitivo da cantiga indigena, substituida pelos Jesuitas.

Nos poetas eruditos manifestava-se como um protesto, uma especie de reacção contra o gosto predominante das Odes pindaricas e Elegias de uma auctoritaria imitação classica.

O improvisador Domingos Caldas Barbosa, auctor das *Modinhas da viola de Lereno,* é o pardo sempre ultrajado, de quem a aristocracia orgulhosa sorria desdenhosamente; mas que sabia fazer-se valer pela sua

Um bando de comparsas logo acode
Ao novo Izidro, ou novo Talaveiras;
Improvisa berrando o rouco Bode.

Applaudem de continuo as frioleiras,
Belmiro em dythirambo, o ex-frade em ode.
Eis aqui de Lereno as quartas feiras.

grande abnegação e pelas prendas e qualidades, que eram o adorno do seu espirito.

Thomaz Antonio Gonzaga [1] é o poeta culto, que com o fino ouro de sua inspiração encheu de vigor e energia as pallidas composições pseudo-classicas das Arcadias.

E, em verdade aquelle formoso livro *Marilia de Dirceu,* é, como a *Norma* de Bellini, uma fonte inexgota-

[1] Não ignoramos que um documento existente no archivo do Instituto Historico Geographico Brazileiro diz que Thomas Antonio Gonzaga nascera em Portugal. Mas, inscrevendo-o na lista dos poetas do Brazil, escudamos a nossa opinião com as palavras do sr. J. M. Pereira da Silva no Plutarco Brazileiro: «Que importa que um acaso e puro acaso o fizesse nascer em Portugal? A sua gloria é gloria do Brazil, porque foi o Brazil terra de seu pae; porque no Brazil viveu Thomaz Antonio Gonzaga sua infancia e quasi toda sua vida; e porque pelo Brazil padeceu e penou quando se ligou com outros brazileiros anciosos de libertarem sua patria do jugo portuguez e de a declararem independente.

Não nasceram os dois Chéniers em Constantinopla, e a França se não gloria com seus nomes, porque fôra seu pae francez?

A luz do dia não appareceu a Benjamin Constant na Suissa e não entra no Pantheon dos escriptores francezes? O duque de Palmella, diplomata e estadista reputado em Portugal não é natural de Turim?

vel de melodia e de inspiração. Cada uma de suas *Lyras* é um primor.

Gonzaja realisou o verdadeiro destino dos poetas: amou, padeceu e cantou. Não lhe faltaram as desgraças e os rigores, com que a sorte se apraz em torturar esses filhos dilectos das musas, para tornal-os credores de maior sympathia e respeito na posteridade.[1]

Quem melhor do que elle traduziu o *delicioso pungir d'acerbo espinho,* com que lhe repassavam a alma as saudades da sua formosa pastora?

[1] Encerrado n'uma escura prisão, Gonzaga escrevia os seus formosos versos com a *fumaça da candeia,* como elle proprio confessa na 1.ª *Lyra* da 2.ª parte.

A fumaça, Marilia, da candeia,
Que a molhada parede ou suja ou pinta,
Bem que tosca e feia,
Agora me póde
Ministrar a tinta.

Os mais preparos o discurso aprompta.
Elle me diz que faça no pé de uma
Má laranja ponta,
E d'elle me sirva
Em logar de pluma.»

«Assim vivia!
Hoje em suspiros
O canto mudo!
Assim Marilia
Se acaba tudo!»

Gonzaga era poeta pelo coração. Amava com ardor e enthusiasmo, e do amor tirava forças para supportar o infortunio e as perseguições, certo de que um dia havia de ser justificado, e de que seus cantos haviam de immortalisar os nomes de Dirceu e de Marilia.

Para que a *Modinha* apparecesse de novo em Portugal no principio do seculo XVIII, e podesse penetrar nos habitos da sociedade portugueza, era necessario que se tivesse conservado nos costumes domesticos das familias brazileiras.

Antonio José da Silva tornou a introduzil-a nas suas obras dramaticas, á similhança do que fizera Gil Vicente intercallando as *Serranilhas* nos seus Autos.

Este primeiro modo de renovação teve como consequencia ser a *Modinha* mais considerada pelo lado musical, a ponto de Strafford ver n'ella o *Lied* nacional, de que se deveria ter deduzido a opera portugueza.

Por tal maneira se espalhou e divulgou a fórma lyrica da *Modinha,* que Nicolau Tolentino lançou mão

d'esse facto para ridiculisar os costumes da sociedade do seu tempo:

«Já d'entre os verdes outeiros,
Em suavissimos accentos,
Com segundas e primeiras
Sobem nas azas dos ventos
As Modinhas brazileiras.»

E na satyra o *Passeio,* a D. Martinho d'Almeida:

«Pouco ás filhas fallarei;
São feias e mal creadas:
Mas sempre conseguirei
Que cantem desafinadas
«*De saudades morrerei.*

Cantada a vulgar modinha,
Que é a dominante agora.[1]»
. . . . . .
. . . . . .

[1] *Nicolau Tolentino de Almeida,* obras completas, pag. 234. Lisboa, 1761.

A sympathia, que em todas as classes despertavam, a facilidade, com que se introduziram nos habitos da metropole e o grande numero de composições d'este genero, que os velhos ainda conservam de memoria, bem mostram que as *Modinhas* facilmente germinaram e floresceram em Portugal, porque d'aqui traziam o berço, d'aqui tinham sido levadas para o Brazil.

Alem d'isso acharam a predilecção, que tem sempre o que é moda.

Como demonstração final da mesma identidade de origem, confrontemos a fórma poetica da *Serranilha* portugueza e da *Modinha* brazileira.

A *Serranilha* é uma fórma de canção popular com retornello. Consta na sua mais simples estructura de dois versos assonantados com um quebrado, que serve de estribilho. Os versos emparelhados tambem se alternam de estrophe em estrophe.

Sedia la fremosa seu fuso torcendo,
Sa voz manselinha, fremosa dizendo
Cantigas d'amigo!

Sedia la fremosa seu fuso lavrando,
Sa voz manselinha, fremosa cantando
Cantigas d'amigo!

—Por deus de cruz, dona, sey eu que avedes
amor mui coytado, que tão bem dizedes
Cantigas d'amigo.

Por deus de cruz, dona, sey eu que andades
d'amor mui coytada, que tão bem cantades
Cantigas d'amigo[1].

É este o typo mais rudimentar da *Serranilha;* mas, á medida que vae sendo imitada nos Cancioneiros aristocraticos, reveste fórmas variadissimas e caprichosas. Tem pontos de contacto muito intimos e profundas analogias com os typos conservados pelo sr. Varnagen no *Florilegio.*

Na poesia da Europa dos tempos medievos apparece este typo lyrico a par das canções provençaes, não só em Portugal, mas tambem em França e na Italia debaixo do nome de *Pastorellas,* com uma feição quasi commum, e derivando da mesma zona geographica, a Aquitania.

A mesma tradição poetica reapparece no Brazil como recorrencia ethnica, e como communicação dos colonisadores portuguezes.

[1] Cancioneiro da Bibliotheca do Vaticano, n.º 321. Ed. Halle, 1875.

Segundo a opinião de Guilherme Humboldt, os Iberos povoaram a Aquitania e encontram-se nas tres grandes ilhas do Mediterraneo: Corsega, Sardenha e Sicilia.

N'estas regiões existio muito cedo uma poesia lyrica especial, que facilitou a adhesão á nova poesia provençal e lhe imprimio a expressão e caracter pastoril. A Aquitania foi tambem um foco de irradiação poetica para a Italia, Portugal e Hespanha.

Os Iberos eram uma raça ante-historica, cuja civilisação foi sempre muito inferior á das raças indo-europeas, que eram agricolas.

Ainda que nos appareçam misturados com um poderoso elemento celtico, devem todavia ser considerados como o vestigio mais puro da antiga raça turaniana da Europa, que antecedeu a immigração indo-europea, e lhe preparou os primeiros rudimentos de civilisação.

Um dos documentos, que mais evidentemente provam a sua permanencia na Peninsula, são os nomes das divindades fet ichistas conservadas nas inscripções lapidares, modernamente colligidas por Hubner.

O elemento turaniano da Europa desceu do norte, onde se conservam ainda os esthurianos, os laponios, etc., não passou áquem da Aquitania; porém os nomes de divindades egypcias, existentes nas inscripções penin-

sulares, demonstram que o elemento turaniano do Egypto se fixou no territorio hispanico em consequencia de uma pressão social ou juntamente com os navegadores phenicios.

Na poesia da edade media as situações pastoraes não passavam já de uma convenção; mas conservaram-se pelo poder inconsciente da transmissão tradicional.

Procurando na Litteratura brazileira a manifestação d'esta influencia turaniana, tão frisante no elemento iberico da Europa meridional, cumpre investigar primeiramente o phenomeno ethnico nas raças ante-historicas da America, e o phenomeno historico durante o periodo da colonisação portugueza.

Ha pouco tempo foi publicada no Brazil uma obra de incontestavel merecimento, devida a um trabalhador infatigavel, o sr. dr. Couto de Magalhães.

Queremos fallar do seu livro *O Selvagem,* trabalho preciosissimo pela grande quantidade de factos accumulados para a ethnographia, mas a que falta o conhecimento das modernas conclusões sobre as raças amarellas, que serviriam para explicar as relações linguisticas e de fórmas de civilisação, os conhecimentos astronomicos caracteristicos do selvagem americano e os mythos sidereos de seus cantos tradicionaes.

O selvagem do Brazil pertence á grande raça tura-

niana dispersa pelo globo desde que outras raças mais vigorosas e progressivas, como a semitica e a ariana, assignaram o seu logar na evolução historica.

Estas ultimas, em toda parte onde encontraram o elemento turaniano, apropriaram-se de seus progressos metallurgicos e constituiram as estupendas civilisações do Egypto, da Chaldea, da Media e dos Arias da Europa.

No moderno livro do sr. Varnagen sobre a *Origem dos Tupis-Caribes* encontram-se confrontações curiosissimas entre os costumes dos Egypcios e dos Tupis.

Uma espada de bronze achada em Thebas, por Passalacqua, e que existe no museo de Berlim, pouco differe na fórma da *tangapema* dos Tupis, a qual é muito similhante a uma especie de maça, que os Egypcios empregavam como hieroghyphico.

Alem de grandes approximações entre os productos ceramicos e os instrumentos musicos e technologicos de uns e outros, como o saco de espremer mandioca *(tepeti)* commum ao antigo Egypto e ao Brazil, appresenta o sr. Varnagen muitas analogias no tocante aos usos e superstições.

Assim, por exemplo, os Egypcios tinham a maxima veneração pelos cadaveres dos amigos e parentes, e preparavam-lhes iguarias para a viagem ultima. Os

Tupis conservam a mesma usança, e invadem e destroem as sepulturas dos inimigos.

As superstições são quasi communs.

Á similhança dos Egypcios, que faziam sacrificios para abrandar o genio do mal, mas que se enraiveciam e blasphemavam, quando não eram favorecidos em suas emprezas, os Tupis despedem flechas contra o ceo, quando a fortuna os não protege em seus votos e desejos.

Os Egypcios adoravam o môcho, os Tupis adoram o *ibijáu* e outros Indios do Brazil o *urubutau*.

Todos estes factos, por um lado, corroboram a recente descoberta do elemento turaniano pre-historico do Brazil, e, por outro, mostram-nos qual a importancia d'esse elemento como cooperador da altissima civilisação do Egypto.

Mas de que maneira se effectuou a communicação dos ramos turanianos para a America?

Suppõe o sr. Varnagen que se fez de um modo inconsciente, sendo levados pela corrente do Gulf Stream para as costas do novo mundo os aventureiros turanianos, que sahiam do Mediterraneo.

Este caracter aventureiro e maritimo foi peculiar dos Bascos na edade media. E os Bascos, afóra a sua mistura de elemento celtico, devem ser considerados

como o vestigio mais remoto da antiga população turaniana da peninsula.

No corpo das inscripções romanas, collegido em Portugal e Hespanha por Hubner, e impresso pela Academia de Berlim, encontram-se numerosos deuses, cujos nomes são formados por agglutinações de nomes de divindades turanianas, ainda hoje existentes em algumas raças amarellas.

Taes são os nomes *Aval, Oke, Idevor, Dingir* e outros muitos, a que se reduzem essas designações até hoje incomprehensiveis.

Nos costumes do Béarn ainda é sensivel o elemento turaniano, como o Aurusta; e Baret faz notar no seu livro *Os Trovadores* que os emigrantes bearnezes são facilmente comprehendidos no Rio de Janeiro logo que desembarcam.

Uma das feições mais salientes da raça turaniana, o caracter, que principalmente a distingue, é o seu grande genio lyrico. Observa-se o que acabamos de dizer não só nos hymnos accadicos traduzidos por Oppert, mas até no proprio *Chin-King* da China.

Todos os viajantes antigos são unanimes em accentuar a tendencia poetica dos Tupinambás; e, ao descreverem os seus cantos, parecem estar fazendo a descripção do typo estrophico das antigas Pastorellas com-

muns á Italia, França, Galliza e Portugal, sobretudo quando o gosto provençal imita as fórmas tradicionaes populares.

Se, como já observara Paulo Mayer, esta descoberta serve para explicar a unidade do moderno lyrismo da Europa, a sua comprehensão no critica do lyrismo brazileiro servir-nos-ha tambem para explicar como um phenomeno de recorrencia a conservação da *Modinha*, dos retornellos de Gonzaga, do genio epico manifestado no seculo XVIII, e da grande ardentia dos maiores lyricos modernos, em que a mestiçagem se revela por essa brilhante qualidade.

No estudo serio e aturado dos elementos ethnicos é que a Litteratura brazileira ha de encontrar a base critica para disciplinar e dirigir as creações de seus genios, imprimir-lhes um cunho particular e dar-lhes um pensamento elevado, apontando-lhes o caminho da verdadeira originalidade.

É por meio d'esse estudo que se poderão descobrir em cada provincia novos veios de tradições primitivas, que enriquecendo a sciencia das origens da humanidade, hão de dar ao povo do Brazil as caracteristicas de uma completa nacionalidade.

Na poesia lyrica brazileira do tempo da colonisação os Jesuitas, como a cima escrevemos, ensaiavam as

fórmas, que mais se assimilhavam aos cantos dos Tupinambás com voltas e refrens, para assim attrahirem e converterem os indigenas á fé catholica.

Pois bem. N'uma epocha, em que os cantos populares eram prohibidos pela Egreja; n'uma epocha, em que o sentimento poetico das multidões estava completamente suffocado e atrophiado, o colono para dar expansão á saudade, que lhe ia na alma, não deixava de repetir aquelles cantares, que os Jesuitas auctorisavam.

D'aqui o desenvolvimento e a conservação, que teve a *Serranilha*.

E um dia, quando os criticos brazileiros explorarem as minas riquissimas da tradição em todas as provincias do seu vasto imperio, ficará então bem explicado o elemento tradicional, que alimentou a inspiração, guiou a phantasia, dirigio o vôo dos grandes lyricos, de que a terra de Santa Cruz se ufana e regozija de ser mãe; ficará demonstrada a influencia popular, cuja efficacia creadora e cuja força de conservação foi para o lyrismo brazileiro o mesmo que para o organismo é a força mysteriosa, que gera a circulação pelas veias e pelas arterias, levando aos diversos orgãos a vida, e com a vida o movimeuto e a saude.

Do grande Cancioneiro portuguez da Bibliotheca do

Vaticano extrahiremos algumas das *Serranilhas* dos seculos XIII e XIV, para fazermos a sua confrontação com as poesias lyricas brazileiras, seguindo o mesmo processo, que para as cançonetas de Gil Vicente empregaram Frederico Diez e o sr. dr. Theophilo Braga, professor de Litteraturas modernas no Curso Superior de Lettras, cujas doctrinas nos serviram de valioso subsidio na direcção de nossos estudos litterarios.

Appresentaremos em primeiro logar uma *Serranilha* do jogral Joham Servando:

Quem visse andar a fremosinha
Com'eu vi, d'amor coytada
et tam muyto namorada
que chorando assi dizia:
Ay amor, leyxedes m'oje
de sol'o ramo folgar
et depois treydes vós migo
meu amigo demandar.

«Quem visse andar a fremosa
Com'eu vi d'amor chorando
et dizendo et rogando
por amor da glosa:
Ay amor, leyxedes m'oje

de sol'o ramo folgar
et depois treydes vós migo
meu amigo demandar.

«Quem lh'y visse andar fazendo
queixumes d'amor d'amigo
que ama sempre sigo
chorando assi dizendo:
Ay amor, leyxedes m'oje
de sol'o ramo folgar
et depois treydes vós migo
meu amigo demandar[1].»

Comparando esta *Serranilha* com a seguinte *Lyra* de Gonzaga, vê-se que a composição de Dirceu é em tudo similhante ao typo poetico galleziano:

Que vezes julga que morre
Um naufragante no mar;
E então a sorte o soccorre
Levando-o á salvação!
Só eu na escura prisão,
Aonde morrendo vivo,

[1] *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 751

Não encontro lenitivo
Na minha dura afflicção.

Luctando com a pobreza
Vive o mortal indigente;
Té que a provida corrente
O tira da precisão.
Só eu na escura prisão,
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenitivo
Na minha dura afflicção.

Combatendo o inimigo
Encontra o soldado a morte,
Que o livra de todo o p'rigo
Na mais arriscada acção.
Só eu na escura prisão,
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenitivo
Na minha dura afflicção.

Ao som do pezado ferro
Chora o triste desgraçado;
Té que o livra do desterro
Uma poderosa mão.

Só eu na escura prisão,
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenitivo
Na minha dura affiicção.

No carcere ou no degredo,
Na doença ou na pobreza,
Ou lá mais tarde ou mais cedo
Todos tem consolação.
Só eu na escura prisão,
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenitivo
Na minha dura afflicção.

Como se vê, ha uma profunda analogia entre a *Serranilha* de Joham Servando e a *Lyra* de Gonzaga. Até a denominação de *Lyra,* empregada pelo ultimo para designar este genero de composições poeticas, encontra-se tambem no Cancioneiro da Vaticana significando certas canções propriamente notaveis pela musica:

«Fez umas Lirias no son,
que me sacam o coraçon.»

Para tornarmos bem patente a verdade, que pre-

tendemos provar, citaremos ainda outra composição do jogral Ruy Fernandes:

«Des que eu vi
O que eu vi,
nunca dormi
e cuydand'y
muyr'eu.

«Fez-me veer
Deus, preveer
quem me morrer
faz, e dizer
muyr'eu.

«Gran mal me vem
em mi vem
nem verra bem
end'e peren
muyr'eu.

«E non mi val
deus, non mi val
e d'este mal
muyr'eu,

muyr'eu,
muyr'eu![1]

Por mais original e caprichosa que se appresente a fórma da *Modinha*, é sempre possivel achar-lhe um paradigma no Cancioneiro da Vaticana.

Cumpre todavia notar que a fórma tradicional recebeu na Litteratura brazileira as falsas côres da mythologia e de uma galanteria commum aos costumes academicos e palacianos.

Muitas outras poeticas se dedicaram espontaneamente á cultura d'este genero e ao mesmo tempo ás imitações arcadicas.

Em Claudio Manuel da Costa, o amigo intimo de Gonzaga, e, como elle, victima da conspiração de Minas, encontramos o estribilho como pensamento da canção.

Ouçamos uma de suas Canções lyricas, que, apezar de longa, publicamos completa, por ser, na verdade, formosissima:

«Adeos, idolo amado,
Adeos; que o meu destino

[1] *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 491.

Me leva peregrino
A não te ver já mais.
Sei que é tormento ingrato
Deixar teu fino trato:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

«Tu ficas; eu me ausento;
E n'esta despedida
Se não se acaba a vida,
É só por mais penar.
De tanto mal, e tanto
Allivio é só o pranto:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

«Quantas memorias, quantas
Agora despertando
Me vem acompanhando
Por mais me atormentar!
Faria o esquecimento
Menor o meu tormento:

Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

«Girando esta montanha,
Os sitios estou vendo,
Aonde amor tecendo
Seu doce enredo está!
Aqui me occorre a fonte,
Ali me lembra o monte:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

«Sentado junto ao rio,
Me lembro, fiel pastora,
D'aquella feliz hora,
Que n'alma impressa está!
Que triste eu tinha estado
A ver teu rosto irado!
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

«De Philis, de Lisarda
Aqui entre desvelos
Me pede amantes zelos
A causa de meu mal.
Alegre o seu semblante
Se muda a cada instante:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

«Aqui colhendo flores
Mimosa a nympha cara,
Um ramo me prepara,
Talvez por me agradar:
Anarda alli se agasta;
Dalizo aqui se afasta:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

. . . . . .

«Tudo isto na memoria
(Oh! barbara crueldade!)
A força da saudade
Amor me pinta já.
Rendido desfalleço

De tanta dor no excesso:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

«O mais, que augmenta a magoa,
É ter sempre o receio
De que outro amado enleio
Teu peito encontrará!
Amante nos teus braços,
Quem sabe, se outros laços!...
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

«Por onde quer que gires,
D'esta alma, que te adora,
Ah! lembra-te pastora,
Que já te soube amar.
Verás em meu tormento
Perpetuo sentimento.
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

«Lá desde o meu desterro
Verás que esta corrente
Te vem fazer presente
A ancia do meu mal.
Verás que em meu retiro
Só gemo, só suspiro:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

«As nymphas, que te escondem
Lá dentro do seu seio,
De meu querido enleio
O nome hão de escutar.
No bem d'esta lembrança
Allivio a alma alcança:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

«Ah! Deva-te meu pranto
Em tão fatal delirio,
Que pagues meu martyrio
Em premio de amor tal.
Mereça um mal sem cura

Lograr esta ventura:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

«E se por fim, pastora,
Duvidas da minha ancia,
Se em ti não ha constancia,
Minha alma o vingará.
Farei que o ceo se abrande
Aos ais de uma ancia grande:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!

«Terás-em minha pena,
Com passo vigilante,
A minha sombra errante,
Sem nunca te deixar.
Terás... ah! bello emprego!
Não temas; eu socego:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar!»

Se dos tempos arcadicos nos transportarmos para a epocha da transformação litteraria do Romantismo, lá nos apparece o genio superior de Alvares de Azevedo tendo a intuição do estribilho tradicional.

A sua formosa elegia *Se eu morresse amanhã* parece o canto de um trovador, que repete sempre a mesma expressão de melancholia:

«Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar-me os olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria,
Se eu morresse amanhã!

«Quanta gloria presinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perdera chorando essas coroas,
Se eu morresse amanhã!

Que sol! que ceo azul! que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito,
Se eu morresse amanhã!

«Mas essa dor da vida, que devora
A ancia da gloria, o dolorido afan...

A dor no peito emmudecera ao menos
Se eu morresse amanhã!

Este talentoso poeta, arrebatado no verdor dos annos aos carinhos da familia, legou á patria, ainda hoje inconsolavel de o haver perdido, composições tão mimosas, tão cheias de inspiração, tão repassadas de sentimento, que lhe conquistaram um logar illustre entre os lyricos mais adoraveis e adorados do Brazil.

De muitos outros auctores poderiamos extractar innumeros exemplos d'este gosto tradicional para justificar a nossa opinião.

Larga copia de citações nos ministraria aquelle, na phrase de Fagundes Varella,

«.....desditoso, eximio bardo,
Cujo leito final buscam debalde
As abelhas das verdes espessuras,
Para seu mel depôr, como as do Hymetho
Do divino Platão sobre o moimento;
E cada novo estio o mar procuram
E zumbem sobre as aguas mugidoras,
Que furtaram seu corpo ao patrio solo![1]

[1] *Fagundes Varella,* Evangelho nas Selvas, canto I, pg. 12 e 13. Rio de Janeiro, 1875.

Na verdade fallam alto em abono do que temos escripto, as composições do desventurado Antonio Gonçalves Dias, que trilhando o caminho encetado pelo auctor das *Brazilianas,* o sr. Manuel de Araujo Porto Alegre, hoje barão de Santo Angelo, deixou-nos a verdadeira fórma da poesia americana.

É para nós ponto incontroverso que nos fins do seculo XVIII, quando a poesia portugueza tinha cahido no ultimo grau de esterilidade, foi a colonia brazileira quem veio dar-lhe novos elementos de vida, tanto no lyrismo como na epopea: no lyrismo — pela conservação da velha *Serranilha* galleziana, que se appresentou debaixo da fórma da *Modinha;* na epopea — em virtude da nobre aspiração, que provocou e realisou a independencia nacional.

Em um estudo, que brevemente tencionamos publicar, sobre a poesia epica do Brazil, provaremos que as conspirações de Minas e de Pernambuco são factos comprovativos de uma lei da historia litteraria: assim como o choque de dois corpos produz sempre um desenvolvimento de calor, assim tambem o choque de duas raças produz sempre um desensolvimento de poesia.

As duas celebres epopeas da India, Mahabharata e Ramayana, o Shah-Nameh dos Persas, a Iliada e a Odyssea não tiveram outra origem nem outra causa.

E, modernamente, depois da guerra destruidora, em que se empenharam a França e a Allemanha, depois d'essa lucta de gigantes, em que a nação chefe dos povos, que trazem o berço de Roma, foi vencida pelos canhões Krupp do exercito prussiano, a voz eloquente de Victor Hugo resoou mais uma vez nas paginas do seu livro *L'année terrible.*

Dissemos que nos fins do seculo XVIII foi a colonia brazileira quem deu vida á litteratura portugueza.

Mais tarde, na epocha do Romantismo, e (podemos dizel-o) até hoje, a palma da poesia lyrica pertence de direito á juventude brazileira.

Possuem geralmente os filhos do Brazil duas qualidades essenciaes de toda a poesia: são impressionaveis e sensiveis.

A exaltação poetica, de que são dotados, é uma consequencia da mestiçagem e da natureza luxuriante, que os cerca. E por isso as flores, que matizam as suas varzeas, o vento, que geme nos seus bosques, as nuvens, que se condensam na sua atmosphera, o phenomeno mais simples e ordinario da natureza contém para elles um poema; cada hora da vida encerra um mundo; em cada momento se occulta a eternidade.

São poetas desde o primeiro florir da adolescencia. Distinguem-se por uma extraordinaria precocidade, e

caem prematuramente como organismos exhaustos pela intensidade da paixão, que os devora.

Á frente de todos fulgura Manuel Antonio Alvares de Azevedo.

Quem desconhece a harmonia de seus cantos, o fogo da sua imaginação, o enthusiasmo ardente do seu peito?

Quem não leu as obras do desventurado mancebo?

Os versos de Alvares de Azevedo, publicados depois de se haver apagado a luz extrema nos seus olhos, exhalam o mais puro e suave perfume da alma humana, quando elle nas cordas da lyra celebra em estrophes maviosas o entranhado affecto, com que amava sua mãe:

Ás tu, alma divina, essa Madona,
Que nos embala na manhã da vida,
Que ao amor indolente se abandona
E beija uma creança adormecida. . .
. . . . . .
. . . . . .
Pensa em mim, como em ti saudoso penso,
Quando a lua no mar se vae doirando:
Pensamento de mãe é como incenso,
Que os anjos do Senhor beijam passando.»

Outras vezes, porém, abrazado pela febre do amôr, ou sonha delicias de uma paixão ideal e poetica, ou canta os beijos fervidos e voluptuosos, ou lamenta *não ter sentido nunca aos vinte annos fecharem-se-lhe de gozo os olhos turvos na suave attracção de um roseo corpo.*

Alvares de Azevedo admirava tanto a lord Byron que pretendia imital-o; mas era dotado de um sentimento tão individual, que morrendo na edade, em que ainda se não accentua bem o caracter, a sua physionomia distingue-se pelo muito que revela do vigor ethnico do seu paiz.

Desgraçadamente foi um astro, que luziu e apagou-se depressa.

Succedeu-lhe Casimiro de Abreu, morto tambem na flor dos annos, victima de uma precocidade, que o exhauriu.

Junqueira Freire, protestando contra as instituições sociaes, que o annullaram, deu aos seus cantos mais vehementes de amor profano a fórma da allucinação dythirambica.

Mais artista, mais elegante, mais correcto foi esse outro poeta, Castro Alves, em cujos versos predomina sempre uma idéa, um pensamento philosophico, traduzido pelas côres vivas de uma imaginação aquecida pelo sol dos tropicos.

A nota da melancholia vibra constantemente no coração dos poetas brazileiros.

As suas composições são caracterisadas por aquella tristeza morbida, que tinge a alma, que a escurece, parecendo que os maiores talentos presentem um fim desgraçado e prematuro. Gonçalves Dias foi quasi propheta do misero termo da sua existencia.

Alguns até, como Fagundes Varella, o inspirado cantor do *Evangelho nas selvas,* acceitam corajosos a peleja, e lançam-se ao encontro da morte despenhando-se no abysmo dos prazeres.

Mas faz entristecer que a mocidade brazileira esgote muitas vezes a sua inspiração e enthusiasmo na imitação dos productos doentios de Alfredo de Musset e de Beaudelaire, para o que ha mister de envenenar-se previamente com absyntho e cognac.

Causa lastima ver apoucar-se em trabalhos inglorios, e mais do que inglorios, nocivos, quem tem azas para erguer tão alto o vôo!

Grande é a culpa dos que assim prostituem a lyra e dissipam os thesouros da imaginação, porque a responsabilidade está na razão directa da cultura intellectual.

Ás classes instruidas corre a obrigação imperiosa de educar os povos, dar-lhes uma idéa clara de seus de-

veres e direitos, ensinando-os a cumprir uns e fazer respeitar os outros. Da direcção dada ao caracter dos que hão de ser um dia cidadãos, está dependente a felicidade e futuro do paiz.

Passaram os tempos, em que a sciencia, limitada a um circulo estreitissimo, era saboroso nectar, com que apenas se deleitavam os iniciados, sem que a sociedade tivesse conhecimento da doctrina, influindo, consolidando ou combatendo as instituições e os projectos, que se elaboravam dentro d'ella.

Mudou felizmente a face das cousas!

A sciencia, como poder social, não deve ser hoje privilegio exclusivo de uma classe. Pelo contrario. Deve ser accessivel a todas as multidões, levantando o espirito dos povos, animando os que trabalham com fé, protegendo as doctrinas que geram o progresso, derramando com mãos cheias de luz as ideias do bello, do justo e do verdadeiro.

E para conseguir esse resultado concorrem especialmente as artes e a litteratura.

Abandonem os poetas a detestavel escola, que converte as suas obras em photographias hediondas da degradação individual; sigam a linha recta, que é a estrada da virtude, deixando que outros se embrenhem nos caminhos curvos e tortuosos; rasguem os criticos

horizontes mais amplos e mais vastos ao genio, depurando o gosto com severas e bem merecidas correcções, e ha de forçosamente brilhar esplendida e magestosa a força social, que deriva sempre de uma grande inspiração artistica.

Só d'esse modo é que se póde estabelecer o respeito na familia, a justiça nas leis, a moralidade nos costumes, e tornar bem manifesta aos olhos das multidões a dignidade do homem e a grandeza de seus destinos.

A empreza é difficil e ardua, porque em nenhum tempo foi mais verdadeira do que hoje a sentença do grande poeta inglez — a sciencia é a dor.

Mas o dever é lei indeclinavel da moral.

Estude a mocidade brazileira; aprenda a conhecer o motivo ethnico da sua superioridade lyrica, e saberá tambem disciplinar o seu talento creando uma das mais explendidas poesias da civilisação moderna.

Seja americana em tudo, como na carta, com que foi honrado o obscuro auctor d'este escripto, e que vae publicada no principio d'elle, aconselha um homem, cuja vida tem sido consagrada ao serviço do seu paiz na cadeira de professor, nas lides acaloradas da imprensa, no ameno convivio das musas, no desempenho de importantes commissões de serviço publico; um homem, que tem o direito de ser ouvido e escutado,

não só por seu talento e variada illustração, mas tambem pelos respeitaveis fios de prata, que lhe emmolduram a fronte intelligente.

Por ultimo. Desejamos do fundo da alma que os lyricos do Brazil se inspirem da corrente popular, lembrando-se de que assim como a Allemanha para fundar a sua litteratura e a sua musica teve de fazer reviver o *Lied* nacional, esquecido desde longos annos, assim tambem o genio brazileiro, para que se não esterilise em vagabundas imitações, precisa de descobrir pela critica e de buscar a inspiração nas tradições dispersas da sua nacionalidade.

Oxalá que tambem nós, que vamos escrevendo aqui estas palavras, possuissemos os dotes para sermos util á nossa patria!

Faltam-nos as forças, é certo; mas ninguem nos excede em boa vontade.

Unamo-nos todos os filhos d'esse formoso e vasto imperio, a mais preciosa gemma do novo mundo! Trabalhemos com fé na santa cruzada do progresso, que a fé arrasta montanhas.

Á terra, que nos foi berço, temos obrigação de dedicar o nosso trabalho, de sacrificar a nossa vida, de consagrar inteira a nossa alma.

Trabalhemos, pois, em honra e proveito da nossa

patria; não duvidemos derramar em sua defeza até a ultima gota do nosso sangue, quando ella d'isso houver mister; amemol-a com o amor puro e desinteressado com que o filho adora a mãe, e, ainda que não possamos ver entrar no mundo das realidades as idéas, que nos povoam o espirito, teremos cumprido a nossa obrigação aplanando o caminho, que hão de trilhar um dia nossos filhos.

No estudo, que fizemos, sobre a poesia lyrica do Brazil, foi nosso intento fazer uma applicação dos methodos das sciencias naturaes á Litteratura.

N'estas sciencias só se formúla uma lei depois de repetidas experiencias e em virtude da observação de grande numero de phenomenos.

Por isso tambem, só depois de termos encontrado numerosas paradigmas e profundas analogias entre as fórmas da poesia lyrica brazileira e da antiga *Serranilha* portugueza galleziana, ficámos plenamente convencido de que esta ultima foi inconscientemente conservada na colonia do Brazil.

Julgamos ter demonstrado a proposição, que appresentámos no principio d'este estudo; mas para tornal-a bem evidente e manifesta, pareceu-nos conveniente corroborar a demonstração com mais alguns exemplos de composições extrahidas do Cancioneiro da Vaticana e comparadas com as poesias dos lyricos brazileiros antigos e modernos.

PEÇAS JUSTIFICATIVAS

I

Non poss'eu, meu amigo
con vossa soydade,
viver, ben vol-o digo,
e por este morade,
amigo, hu me possades
falar e me vejades.

Non poss'hu vos non vejo
viver, ben o creede,

tan muyto vos desejo,
e por esto vivede,
amigo, hu me possades
falar e me vejades.

Naci en forte ponto,
e amigo, partide
o meu gram mal sem custo,
e por esto guaride,
amigo, hu me possades
falar e me vejades.
Guarrey, ben o creades
Senhor, hu me mandades.

El-rei D. Diniz, canç. 181.

Compare-se com a seguinte *Lgra* de Gonzaga:

Maria, teus olhos
São reos, e culpados
Que soffra e que beije
Os ferros pezados
Ds injusto Senhor.
Marilia escuta
Um triste pastor.

Mal vi o teu rosto
O sangue gelou-se,
A lingua prendeu-se,
Tremi e mudou-se
Das faces a côr.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

A vista furtiva,
O risco imperfeito,
Fizeram a chaga,
Que abriste no peito
Mais funda, e maior.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Dispuz-me a servir-te;
Levava o teu gado
Á fonte mais clara
Á vargem e prado
De relva melhor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Fallando com Laura,
Marilia dizia:
Sorria-se aquella,
E eu conhecia
O erro de amor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Movida, Marilia,
De tanta ternura,
Nos braços me deste
Da tua fé pura
Um doce penhor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Tu mesma disseste
Que tudo podia
Mudar de figura;
Mas nunca seria
Teu peito traidor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Se vinha da herdade,
Trazia dos ninhos
As aves nascidas,
Abrindo os biquinhos
De fome ou temor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Se alguem te louvava
De gosto me enchia,
Mas sempre o ciume
No rosto accendia
Um vivo calor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Se estavas alegre,
Dirceo se alegrava;
Se estavas sentida,
Dirceo suspirava
Á força de dor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Tu já te mudaste;
E a olaia frondosa,
Aonde escreveste
A jura horrorosa,
Tem todo o vigor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Mas eu te desculpo,
Que o fado tyranno
Te obriga a deixar-me;
Pois busca o meu damno
Da sorte, que for.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

III

Senhor, que de grad'y' eu querria
Se a deus e a vós prouguesse,
que hu vós estades estivesse
con vos, qu'e por esto me terria
por tan ben andante
que por rey, nem iffante

des ali adeante
nom me cambharia.

E sapendo que vos prazeria
que hu vós morassedes morasse,
e que vos eu viss'e e vos falasse,
terria-me, senhor, todavya
por tan ben andante
que por rey nem iffante
des ali adeante
nom me cambharia.

Ca senhor, em gram ben vyveria
se hu vós vivessédes vivesse,
e sol que de vós esto entendesse
terria-me em razon, faria
por tan ben andante
que por rey nem iffante
des ali adeante
nom me cambharia.

El-rei D. Diniz, canç. 136.

É em tudo similhante á seguinte poesia:

Sonhando

Na praia deserta, que a lua branqueia,
Que mimo! que rosa, que filha de Deus!
Tão pallida, ao vel-a meu ser devaneia,
Suffoco nos labios os halitos meus.
Não corras na areia,
Não corras assim!
Donzella, onde vaes?
Tem pena de mim.

A praia é tão longa, e a onda bravia
As roupas de gaza te molha de escuma;
De noite aos serenos—a areia é tão fria,
Tão humido o vento que os ares perfuma.
És tão doentia!
Não corras assim!
Donzella, onde vaes?
Tem pena de mim.

A brisa teus negros cabellos soltou,
O orvalho da face te esfria o suor;

Teus seios palpitam—a brisa os roçou,
Beijou-os, suspira, desmaia de amor.
Teu pé tropeçou...
Não corras assim!
Donzella, onde vaes?
Tem pena de mim.

E o pallido mimo da minha paixão
N'um longo soluço tremeu e passou;
Sentou-se na praia; sósinha no chão
A mão regellada no collo pousou!
Que tens, coração,
Que tremes assim?
Cansaste, donzella?
Tem pena de mim.

Deitou-se na areia que a vaga molhou,
Immovel e branca na praia dormia;
Mas nem os seus olhos o somno fechou,
E nem o seu collo de neve tremia.
O seio gelou?...
Não durmas assim!
Oh! pallida, fria,
Tem pena de mim.

Dormia—na fronte que niveo suar!
Que mão regelada no languido peito!
Não era mais alvo seu leito do mar,
Não era mais frio seu gelido peito!
Nem um resonar!...
Não durmas assim!
Oh! pallida, fria,
Tem pena de mim.

Aqui no meu peito vem antes sonhar,
Nos longos suspiros do meu coração,
Eu quero em meus labios teu seio aquentar,
Teu collo, essas faces e a gelida mão!
Não durmas no mar!
Não durmas assim,
Estatua sem vida,
Tem pena de mim!

E a vaga crescia seu corpo banhando,
E as candidas fórmas movendo de leve!
E eu via-a suave nas aguas boiando,
Com soltos cabellos nas roupas de neve!
Nas vagas sonhando
Não durmas assim;

Donzella onde vaes?
Tem pena de mim!

E a imagem da virgem nas aguas do mar
Brilhava tão branca no limpido ceo!
Nem mais transparente luzia o luar
No ambiente sem nuvens da noite do ceo!
Nas aguas do mar
Não durmas assim!
Não morras, donzella,
Espera por mim!

M. Alvares de Azevedo, Obras, t. I, p. 67. Rio de Janeiro, 1862.

III

Senhor sempre os olhos meus
am saber de vos catar,
e que os vossos pezar
nunca vejam: e por deus
non vos pes'e cataram
vós, que a desejar am.

Sempre emquanto vivo fôr,
cá nunca podem dormir,

nem aver bem se non hir
hu vos vejam; e senhor
non vos pes'e cataram
vós, que a desejar am.

Sempre mha senhor; ca prez
non é fazer-lhes mal,
mays por deus e por al
que os vossos taes fez;
non vos pes'e cataram
vós, que a desejar am.

Payo Gomes Charrinho, *Canc. da Vaticana*, n.º 392.

Confronte-se com a seguinte cantiga:

Venho, amor, de ti queixar-me,
Ouve, que eu tenho razão;
Principío por mostrar-te
Qnal eu tenho o coração.
Isto, amor, não é bem feito
Não, não é bem feito, não.

As doçuras promettidas

Esperei, traidor, em vão;
Dize, se acaso estes golpes
As tuas doçuras são?
Isto, amor, não é bem feito
Não, não é bem feito, não.

Minha doce liberdade
Puzeste em alheia mão;
E a preço de vãs promessas,
Cativaste o coração.
Isto, amor, não é bem feito
Não, não é bem feito, não.

Onde estão os teus prazeres?
Dize, cruel, onde estão?
Sobre ciumes, saudades;
Estes vem, quando essas vão:
Isto, amor, não é bem feito
Não, não é bem feito, não.

De prazeres assaltado
Não tenho socego, não;
E apenas vem, logo foge
A escaça consolação:

Isto, amor, não é bem feito
Não, não é bem feito, não.

Fazes da cruel Ulina
Travessa repartição;
Eu tenho as doces promessas;
Outro goza o coração:
Isto, amor, não é bem feito
Não, não é bem feito, não.

Eu tão preso, ella tão solta;
Ouve a minha petição:
Ou me une mais a Ulina,
Ou me quebra este grilhão:
Isto, amor, não é bem feito
Não, não é bem feito, não.

Viola de Lereno, folheto 6.º, pag 32. Lisboa 1819.

IV

Madre, poys amor ey migo
tal, que non posso soffrer,
que non veja meu amigo,

mandade-m'o hir veer,
se non hyrey sem mandado
veel-o sem vosso grado.

Gram coyta me faz ousada
de vol-o assy dizer
e pois eu vivo coytada
mandade-m'o hir veer,
se non hyrey sem mandado
veel-o sem vosso grado.

E já que por mi sabedes
O bem que lh'eu sey querer,
por quanto bem me queredes,
mandade-m'o hir veer,
se non hyrey sem mandado
veel-o sem vosso grado.

Ruy Fernandes, *Canc. da Vaticana*, n.º 518.

Esta fórma tão caracteristica encontra-se tambem em Gonçalves Dias.

Se me queres a teus pés ajoelhado,
Ufano de me vêr por ti rendido,

Ou já em mudas lagrimas banhado;
Volve, impiedosa,
Volve-me os olhos,
Basta uma vez!

Se me queres de rojo sobre a terra,
Beijando a fimbria dos vestidos teus,
Calando as queixas que meu peito encerra,
Dize-me ingrata,
Dize-me: Eu quero!
Basta uma vez.

Mas se antes folgas de me ouvir na lyra
Louvor singelo dos amores meus,
Porque minha alma ha tanto em vão suspira;
Dize-me, oh bella,
Dize-me: Eu te amo!
Basta uma vez.

Gonçalves Dias, *Cantos*, pag. 117.

V

—Foy-s'ora d'aqui sanhudo
amiga, o vosso amigo;

«Amiga, perdudo é migo,
e pero migo hoj'é perdudo
o traedór conheçudo
a cá verrá
a cá verrá
a cá verrá.

— Amiga, desamparado
é já de vós, e morreria;
«sodes amiga, sandia,
non fogeu muy cuytado,
mays ele mao seu grado
a cá verrá
a cá verrá
a cá verrá.

— Amiga, com lealdade
dizem que anda morrendo,
«Vol-o andades dizendo;
amiga est'é verdade,
mayl-os que chufam Guylhade
a cá verrá
a cá verrá
a cá verrá.

Joham de Guylhade, *Canc. da Vaticana*, n.º 369.

Esta composição é muito similhante a uma *Modinha,* que se canta na provincia do Maranhão, e que, se a memoria nos não falha, principia assim:

Dizem que sou borboleta,
E no amor sou bandoleiro:
Os ferros que me captivam
São os ferros do captiveiro
Amará
Amará
Amará.

VI

Pois mha ventura tal é já
que sodes tam poderosa
de mi, mha senhor fremosa
por mesura que em vós a;
e por ben que vos estará
poys de vos non ey nenhum bem
de vos amar, non vos pes'en,

Senhor, e poys por ben non teedes,
que eu aja de vós grado,
por quant'affan ey levado

por vós, c'assy queredes
mha senhor, fé que devedes
poys de vós non ey nenhum bem
de vos amar, non vos pes'en.

Senhor e lume d'estes olhos meus,
poys m'assy desamparades
e que me grado me non dades
como dam outros aos seus:
mha senhor, pelo amor de deus,
poys de vós non ey nenhum bem
de vos amar, non vos pes'eu.

E senhor, eu não perderey o sen,
e vós non perderedes hi ren.

El-Rei D. Diniz. *Canc. da Vaticana*, n.º 91.

Compare-se com esta *Lyra* de Gonzaga:

De que te queixas,
Língua importuna?
De que a Fortuna
Roubar-te queira,
O que te deu?

Este foi sempre
O genio seu.

A quanto he justo,
Já mais se dobra;
Nem igual obra
C'os mesmos Deoses
Do cáro Ceo.
Este foi sempre
O genio seu.

Sóbe ao Ceo Venus
N'hum carro ufano;
E cahe Vulcano
Da pura esfera,
Em que nasceu.
Este foi sempre
O genio seu.

Mas não me rouba,
Bem que se mude,
Honra e virtude:
Que o mais he della,
Mas isto he meu.

Este foi sempre
O genio seu.

Levou, Marilia,
A impia sorte
Catões á morte;
Nem sepultura
Lhes concedeu.
Este foi sempre
O genio seu.

A outros muitos,
Que vís nascêrão,
Nem merecêrão,
A grandes thronos
A impia ergueu.
Este foi sempre
O genio seu.

Espalha a cega
Sobre os humanos
Os bens, e os damnos;
E a quem se devam
Nunca escolheu.

Este foi sempre
O genio seu.

VII

Poys me tanto mal fazedes
Senhor, se mi non valedes
sey ca mha morto'yredes
a muy pouca sazon
Senhor, se me non valedes
non mi valrrá se deus non.

Gran pecado per fazedes
Senhor, se mi non valedes
ca vós sodes e seredes,
coita de meu coraçon;
Senhor se me non valedes
non mi valrrá se deus non.

Poys m'en tal poder teedes
Senhor, se mi non valedes,
prasmada vos en creredes
se morro em vossa prijon;

Senhor, se mi non valedes
non mi valrrá se deus non.

Pero da Ponte. *Canc. da Vaticana*, n.º 557.

Em Fagundes Varella encontraremos composições analogas.

SERENATA

Em teus travessos olhos,
Mais lindos que as estrellas,
Do espaço, ás furtadelas
  Mirando o escuro mar ;
Em teu olhar tyrannico,
Cheio de vivo fogo,
Meu ser, minh'alma afogo
  De amor a suspirar.

  Se teus encantos todos
  Eu fosse a enumerar !...

D'esses mimosos labios
Que ao beija-flor enganam,

D'onde perpetuos manam
  Perfumes de encantar;
D'esses lascivos labios,
Macios, purpurinos,
Ouvindo os sons divinos
  Me sinto desmaiar.

  Se teus encantos todos
  Eu fosse a enumerar!...

Tuas madeixas virgens,
Cheirosas, fluctuantes,
Teus seios palpitantes
  Da sêde do gozar;
Tua cintura estreita,
Teu pé subtil, conciso,
Obumbram-me o juizo,
  Apagam-me o pensar.

  Se teus encantos todos
  Eu fosse a enumerar!...

Ai! quebra-me estes ferros
Fataes que nos separam,

Os doudos que os forjaram
Não sabem, não, amar.
Dá-me o teu corpo e alma,
E á luz da liberdade,
Oh! minha divindade,
Corramos a folgar.

Se teus encantos todos
Eu fosse a enumerar!...

Fagundes Varella, *Cantos do ermo e da cidade*, pag. 43.

VIII

Senhor, des quando vos vi
e que fui vosco falar,
Sabed'agora por mi
que tanto fui desejar
vosso ben, e poys é assy
que pouco posso durar,
e muyro m'assy de chão,

porque my fazedes mal
e de vós non ar ey al
mha morte tenho na mão.

Ca tan muyto desejey
aver ben de vós, senhor,
que verdade vos direy
se deus mi dê voss'amor;
por quanto'oj'eu creer sey
con cuydad'e con pavor
meu coraçon non é são
porque my fazedes mal
e de vós non ar ey al
mha morte tenho na mão.

E venho vol-o dizer
senhor de meu coraçon
que possades entender
como prendi ocajion
quando vos fui veer;
e por aquesta razon
muyr'assy servind'en vão,
porque my fazedes mal

e de vós non ar ey al
mha morte tenho na mão.

El-Rei D. Diniz, *Canc. da Vaticana*, n.º 96.

A *Lyra* de Gonzaga, que vae ler-se, é perfeitamente do mesmo typo.

Marilia, de que te queixas?
De que te roube Dirceo
O sincero coração?
Não te deo tambem o seu?
E tu, Marilia, primeiro
Não lhe lançaste o grilhão?
Todos amão: só Marilia
D'esta Lei da Natureza
Queria ter izenção?

Em torno das castas pombas
Não rulão ternos pombinhos?
E rulão, Marilia, em vão?
Não se afagão c'os biquinhos?
E a provas de mais ternura
Não os arrasta a paixão?
Todos amão: só Marilia

D'esta Lei da Natureza
Queria ter izenção?

Já viste, minha Marilia,
Avezinhas, que não fação
Os seus ninhos no verão?
Aquellas, com quem se enlação
Não vão cantar-lhe defronte
Do molle pouzo em que estão?
Todos amão: só Marilia
D'esta Lei da Natureza
Queria ter izenção?

Se os peixes, Marilia, gerão
Nos bravos mares, e rios,
Tudo effeitos de Amor são.
Amão os brutos impios,
A serpente venenosa,
A Onça, o Tigre, o Leão.
Todos amão: só Marilia
D'esta Lei da Natureza
Queria ter izenção?

As grandes Deosas do Ceo
Sentem a setta tyranna

Da amorosa inclinação.
Diana, com ser Diana,
Não se abrasa, não suspira
Pelo amor de Endymião?
Todos amão: só Marilia
D'esta Lei da Natureza
Queria ter izenção?

Desiste, Marilia bella,
De huma queixa sustentada
Só na altiva opinião.
Esta chamma he inspirada
Pelo Ceo; pois nella assenta
A nossa conservação.
Todos amão: só Marilia
D'esta Lei da Natureza
Não deve ter izenção.

IX

Um dia vi mha senhor
que mi deu a tal amor,
que non direy per hu for,
quem est, per nulha rem

non ous'eu dizer per quem
mi vem quanto mal mi vem.

Preguntam-mi cada dia
polo que non ousaria
dizer, ca m'ey todavya
medo de morte e peren
non ous'eu dizer per quem
mi vem quanto mal mi vem.

Preguntam-m'en puridade
que lhis diga em verdade,
mays eu com gram lealdade,
e por non fazer mal sem
non ous'eu dizer per quem
mi vem quanto mal mi vem.

Andam-m'assi preguntando
que lhes diga por quem ando
trist'eu, per Jam Servando;
com pavor que ey d'alguem
non ous'eu dizer per quem
mi vem quanto mal mi vem.

Ouçamos Castro Alves:

Teus brancos dedos fecharam
De meu cabello a madeixa,
Tua amante não se queixa...
Bem vês... captiva ficou!
Mas não se prende o desejo
Que n'alma acaso se aninha!...
Nunca viste a andorinha
Que alegre o fio quebrou?

Já tão tarde! E embalde tento
Abrir-te os dedos fechados...
Como frios cadeados,
Que o teu amor me lançou.
Porém se aqui me captivas
Minh'alma foge-te asinha...
Nunca vistes a andorinha
Que alegre o fio quebrou?

«Paulo! Vem á meia noite...
Mario morre! Mario expira!
Vem que minh'alma delira
E embalde captiva estou...

—Silvia, a morte abre-me os dedos;
És livre, Silvia... caminha!
Minh'alma é como a andorinha,
Que alegre o fio quebrou.

Castro Alves, *Poesias*, pg. 197.

X

Vistes, madre, o escudeyro
que m'houver'a levar sigo,
menti-lh'o vay mi sanhudo,
mha madre, bem vol-o digo:
madre, namorada me leixou
madre, namorada m'ha leixada,
madre, namorada me leixou.

Madre, vós que me mandastes
que mentiss'a meu amigo,
que conselho mi daredes
Ora, poyl-o non ey migo?
madre, namorada me leixou,
madre, namorada m'ha leixada,
madre, namorada me leixou.

«Filha, dou-vos por conselho
que tanto que vos el veja
que toda rem lhi façades,
que vosso pagado seja;
madre, namorada me leixou,
madre, namorada m'ha leixada,
madre, namorada me leixou.

Pois escusar non podedes
mha filha, seu gasalhado,
des oy mais eu vos castigo
que lh'andedes a mandado;
madre, namorada me leixou,
madre, namorada m'ha leixada,
madre, namorada me leixou.

Pero da Ponte. *Canc. da Vaticana*, n.º 417.

Na poesia, que vae lêr-se, de Antonio Gonçalves Dias, encontra-se o mesmo genero de repetições, apezar da differença de metrificação.

Pedido

Hontem no baile
Não me attendias!
Não me attendias
Quando eu fallava.

De mim bem longe
Teu pensamento!
Teu pensamento
Bem longe errava.

Eu vi teus olhos
Sobre outros olhos,
Sobre outros olhos
Que eu odiava.

Tu lhe sorriste
Com tal sorriso!
Com tal sorriso
Que apunhalava.

Tu lhe fallaste
Com voz tão doce!

Com vòz tão doce
Que me matava.

Oh não lhe falles,
Não lhe sorrias,
Se então querias
Experimentar-me.

Oh não lhe falles,
Não lhe sorrias,
Não lhe sorrias
Que era matar-me.

A. Gonçalves Dias, *Cantos*, p. 22, Leipzic, 1860.

XI

Em gran coyta, senhor
que peyor que morte é,
vivo, per boa fé,
e pelo vosso amor;
esta coyta soffr'eu
por vós, senhor, que eu

Vy pelo meu gran mal;
e melhor mi será

de morrer por vós já;
pero se me deus non vale,
esta coyta soffr'eu
por vós, senhor, que eu

Pelo meu gran mal vi;
e mais mi vale morrer
cá tal coyta soffrer;
poys por meu mal assy
esta coyta soffr'eu
por vós, senhor, que eu

Vi por gran mal de mi
poys tam coytad' and'eu.

El-Rei D. Diniz. *Canc. da Vaticana*, n.º 89.

Compare-se com esta *Lyra* de Gonzaga:

Succede, Marilia bella,
Á medonha noite o dia:
A estação chuvosa e fria,
Á quente secca estação.
Muda-se a sorte dos tempos;
Só a minha sorte não?

Os troncos, nas Primaveras,
Brotão em flores viçosas;
Nos Invernos escabrosos
Largão as folhas no chão.
Muda-se a sorte dos troncos;
Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marilia, cortão
Armadas redes os passos;
Rompem depois os seus laços,
Fogem da dura prisão.
Muda-se a sorte dos brutos;
Só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto;
Depois das penas vem gosto,
Depois do gosto afflicção.
Muda-se a sorte dos homens,
Só a minha sorte não?

Aos altos Deoses movêrão
Soberbos Gigantes guerra;
No mais tempo o Ceo, e a Terra
Lhes tributa adoração.

Muda-se a sorte dos Deoses;
Só a minha sorte não?

Ha de, Marilia, mudar-se
Do destino a inclemencia:
Tenho por mim a innocencia,
Tenho por mim a razão.
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

O tempo,ó bella, que gasta,
Os troncos, pedras, e o cobre,
O véo rompe, com que encobre
Á verdade a vil traição.
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

Qual eu sou verá o mundo,
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a ver te minha.
Que feliz consolação!
Não ha de tudo mudar-se,
Só a minha sorte não.

XII

Ondas do mar de Vigo
se vistes o meu amigo?
e, ay deus, se verrá cedo.
Ondas do mar levado,
se vistes meu amigo,
e ay deus, se verrá cedo.
Se vistes meu amigo,
o porque eu suspiro?
e, ay deus, se verrá cedo.
Se vistes meu amado
o porque ey gram cuyado?
e, ay deus, se verrá cedo.

Martin Codax, *Canção* n.º 884.

Em todas as provincias do Brazil ha grande numero de *Modinhas* populares d'este genero.

FIM

Brevemente serão publicados os

ESTUDOS CRITICOS SOBRE A POESIA EPICA DO BRAZIL

POR

JOSÉ ANTONIO DE FREITAS

YC144078